

Travessias

20 anos da Oficina de Leitura Guimarães Rosa IEB-USP

Livro II



Regina Pereira
Elni Elisa Willms
Rogério de Almeida
Michel Riaudel (orgs.)

· FE USP

Travessias:

20 anos da Oficina de Leitura

Guimarães Rosa IEB-USP

Livro II

Conselho Editorial:

Alberto Filipe Araújo, Universidade do Minho, Portugal

Alessandra Carbonero Lima, USP, Brasil

Ana Guedes Ferreira, Universidade do Porto, Portugal

Ana Mae Barbosa, USP, Brasil

Anderson Zalewski Vargas, UFRGS, Brasil

Antonio Joaquim Severino, USP, Brasil

Aquiles Yañez, Universidad del Maule, Chile

Belmiro Pereira, Universidade do Porto, Portugal

Breno Battistin Sebastiani, USP, Brasil

Carlos Bernardo Skliar, FLASCO Buenos Aires, Argentina

Cláudia Sperb, Atelier Caminho das Serpentes, Morro Reuter/RS, Brasil

Cristiane Negreiros Abbud Ayoub, UFABC, Brasil

Daniele Loro, Università degli Studi di Verona, Itália

Elaine Sartorelli, USP, Brasil

Danielle Perin Rocha Pitta, Associação Ylê Seti do Imaginário, Brasil

Edesmin Wilfrido P. Palacios, Un. Politecnica Salesiana, Ecuador

Gabriele Cornelli, Universidade de Brasília, Brasil

Gerardo Ramírez Vidal, Universidad Nacional Autónoma de México

Jorge Larossa Bondía, Universidade de Barcelona, Espanha

Ikunori Sumida, Universidade de Kyoto, Japão

Ionel Buse, C. E. Mircea Eliade, Unicersidade de Craiova, Romênia

Isabella Tardin Cardoso, UNICAMP, Brasil

Jean-Jacques Wunnenberger, Université Jean Moulin de Lyon 3, França

João de Jesus Paes Loureiro, UFPA, Belém, Brasil

João Francisco Duarte Junior, UNICAMP, Campinas/SP, Brasil

Linda Napolitano, Università degli Studi di Verona, Itália

Luiz Jean Lauand, USP, Brasil

Marcos Antonio Lorieri, UNINOVE, Brasil

Marcos Ferreira-Santos, USP, Brasil

Marcos Sidnei Pagotto-Euzebio, USP, Brasil

Marian Cao, Universidad Complutense de Madrid, España

Mario Miranda, USP, Brasil

Patrícia P. Morales, Universidad Pedagógica Nacional, Ecuador

Pilar Peres Camarero, Universidad Autónoma de Madrid, España

Rainer Guggenberger, UFRJ, Brasil

Regina Machado, USP, Brasil

Roberto Bolzani Júnior, USP, Brasil

Rogério de Almeida, USP, Brasil

Soraia Chung Saura, USP, Brasil

Walter Kohan, UERJ, Brasil

Regina Pereira
Elni Elisa Willms
Rogério de Almeida
Michel Riaudel
(orgs.)

Travessias:
20 anos da Oficina de Leitura
Guimarães Rosa IEB-USP
Livro II

DOI: 10.11606/9786587047645

·FEUSP

SÃO PAULO, SP
2024

© 2024 by Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
Coord. editorial: Regina Pereira, Elni Elisa Willms, Rogério de Almeida e Michel Riaudel
Projeto Gráfico e Editoração: Rogério de Almeida e Marcos Beccari
Capa: Regina Pereira
Revisão: Regina Pereira



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e a autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

Catálogo na Publicação
Biblioteca Celso de Rui Beisiegel
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

T781 Travessias: 20 anos da Oficina de Leitura Guimarães Rosa IEB-USP:
Livro II / Organizado por Regina Pereira, Elni Elisa Willms,
Rogério de Almeida, Michel Riaudel. -- São Paulo: FEUSP, 2024.
22.497 Kb ; PDF.

ISBN 978-65-87047-64-5 (E-book)

DOI: 10.11606/9786587047645

1. Rosa, Guimarães (1908-1967) 2. Oficina de leitura 3. Literatura
4. Estudos brasileiros I. Pereira, Regina II. Willms, Elni Elisa III. Almeida,
Rogério de IV. Riaudel, Michel V. Título

CDD 22^a ed. 375.101

Ficha elaborada por: Nicolly Leite – CRB-8/8204

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior

Vice-Reitora: Profa. Dra. Maria Arminda Nascimento Arruda

Faculdade de Educação

Diretora: Profa. Dra. Carlota Josefina Malta Cardozo dos Reis Boto

Vice-Diretor: Prof. Dr. Valdir Heitor Barzotto

Avenida da Universidade, 308 - Cidade Universitária - 05508-040 – São Paulo – Brasil

E-mail: spdf@usp.br / <http://www4.fe.usp.br/>

FEUSP

SUMÁRIO

<i>Prefácio</i>	7
<i>Roda mundo, Roda gigante</i> Fábio Barbosa	
<i>Apresentação</i>	10
<i>De leitora a devota, a travessia pela obra e pela geografia</i> <i>de Guimarães Rosa</i> Regina Pereira	12
<i>Capítulo final, mas não o último</i> Regina Pereira	243
<i>Organizadores</i>	256

Prefácio

Roda mundo, Roda gigante

Fábio Barbosa¹

A obra de Guimarães Rosa nos norteia e nos desorienta ao mesmo tempo. Isso porque o mesmo livro desse alquimista das palavras é, na verdade, vários livros. Portanto, várias leituras e releituras. Talvez esteja aí a gênese da Roda de Leitura. Roda que gira feito o mundo ou como a vida da gente que dá sete voltas? De repente feito redemoinho. Ou porquê O MUNDO É MÁGICO, como a própria obra de Rosa é? Tudo é uma ponta de um mistério. Fato é que tudo isso, essa obra inesgotável, atemporal, nos permite pensar e vislumbrar iniciativas como esta, já consolidada no ano em que se comemorava o centenário de nascimento de João Guimarães Rosa.

Desde que tive notícia da Roda de Leitura pude perceber que, mesmo tendo este nome de Roda, ela nunca se fecha, mas, sim, amplia, busca sertões. Uma busca inesgotável pelo cerne da obra, como se isso fosse palpável. De repente, por isso também é chamada de Oficina, uma vez que constrói pontes. E, para tanto, esses entusiastas rosianos, como também são conhecidos, bebem água de vereda.

Aqui é possível perceber que esse movimento não surgiu dentro de quatro paredes, no concreto. Surgiu de experiências de vidas alimentadas por algo

¹ Nascido em Cordisburgo, MG, é formado em Serviço Social, ator, contador de estórias, membro da primeira geração do Grupo de Contadores de Estórias Miguilim. Trabalha no Museu Casa Guimarães Rosa na coordenação do Grupo Miguilim. Também coordena o Grupo de Contadores de Estórias de Morro da Garça desde 2018. Produtor e diretor cultural do Grupo Caminhos do Sertão. Membro do Grupo Teatral O Banquete. Cofundador do Instituto Páramo. Perguntador da obra Roseana.

incomum: uma literatura que nos salta aos olhos através de outras manifestações da arte, como o bordado, a música, o teatro, a narração de histórias, as tradições e os costumes, a culinária ou até mesmo de uma boa prosa com algum catrumano, sob céu diferente da Vista Alegre, onde o Coração tem lugar. Surgem então Os Devotos do Rosa, capitaneados por Regina Pereira. Esses, por sua vez, como a própria Regina aqui nos expõe, foram por demais de espertos. Ladinos mesmo. Foram atrás de fazer maiores perguntas. Depois dali janelas foram abertas. Encontros e reencontros. Travessia. Amigos ficamos de abraços e de destino fiel; a obra rosiana, a nossa embarcação.

Nesses relatos tomados de tamanho entusiasmo, ilustrados por imagens cuidadosamente selecionadas para compor e traçar a trajetória dessa que é uma odisseia literária, o leitor/observador é levado a sentir-se próximo dessa experiência. Capaz que sinta cheiros, tenha sensações de muita coisa que ainda falta nome e se sinta instigado, tentado a fazer parte dessa confraria física e metafísica que a obra de Rosa nos permite.

Nesses vinte anos de existe(essência), a Roda/Oficina/Ciranda/Movimento Infinito de Leitura se expande cada vez mais, como a busca pelo conhecimento realmente deve ser.

Iniciativas consolidadas como esta comprovam como a literatura pode ser o esteio para aproximar pessoas, que se doam em ouvidos, falas, vozes, olhares, sentidos, pensamentos. E como veias se abriam e, cada vez mais, de tempos em tempos um mundo de pessoas foi tomando ciência daquilo e veio buscar abrigo. Cada qual buscando nas entrelinhas rosianas como o simples das coisas pode nos trazer respostas para o correr da vida.

É preciso salientar, e os escritos aqui o comprovam, que a Roda também passou a ser um importante instrumento de divulgação e produção de eventos e manifestações culturais no sertão rosiano mundo afora. Entre outras personagens fez-se aí o viajante literário. E o sertão ficou logo ali. Os Devotos de Rosa já haviam aberto caminho. Mostrando possibilidades. Ao mesmo tempo, a Roda e os seus jagunços sempre incentivaram e contribuíram para que esse sertão se fizesse presente em São Paulo. Regina descreve com ternura, de forma contundente e poética, toda essa movimentação demonstrando todo o percurso e alcance que a Roda e os seus afluentes trouxeram até aqui.

No alinhar do livro percebe-se que os integrantes da Roda cada vez mais querem e sentem necessidade de esmiuçar a alma sertaneja. A fim de enriquecer ainda mais a sua leitura, partem em comitivas pros Gerais do sem-fim. Os livros de Rosa sempre a tiracolo. E, sim, constatam: o sertão está em toda parte.

No mais tardar, o leitor poderá perceber que a Roda de Leitura se tornou um elo entre os diversos sertões misturando saberes dos mais eruditos e acadêmicos aos mais populares, sertanejos, como a própria literatura rosiana sugere. Aqui também, em seus depoimentos, Regina nos traz reminiscências através de imagens capturadas de várias regiões do sertão mineiro e suas personagens. Imagens que nos fazem enxergar Rosa no meio do redemoinho do seu universo literário.

A devota ilustra através de palavras bem desenhadas e de imagens como esse movimento ganhou grandes proporções e alcançou públicos diversos, uma vez que a Roda foi se metamorfoseando à medida que cada novo desafio surgia. Seja de levar essa experiência para a sala de aula de uma escola de periferia, seja para seminários, palestras e eventos cada vez mais elaborados, cuja Roda se tornou imprescindível.

Nesse meio-tempo, enfrentamos uma pandemia e um negacionismo, sobretudo cultural. Tempos que não devem cair no esquecimento, para que não caiam na bobagem de se repetir. Tempos de noite sem lua. Céu sem estrela. Mas a Roda tinha que girar e girou. Entrou com zápede, espadilha e três, e deu conta.

De tempos em tempos a Roda vem criando filhotes de filhotes e nos coloca num tico de pensar esperança de quem sabe um dia a gente possa nos habituar em ser de fato um lugar de leitura e de leitores. Pois os livros, sim, é que são importantes.

Mais que tudo, os relatos deste livro ou melhor, desse diário de bordo, pois ler é uma viagem, demonstram que a Roda de Leitura é algo a ser ainda mais reconhecido e disseminado. Mais que isso. É preciso ser apreciada como um bom livro, que nos traz mil e uma possibilidades. Carece de ser degustada sem pressa, até a rapa do tacho, como um doce de leite caseiro bem-feito em fogão a lenha.

Pois era uma vez uma Roda onde um certo Dieter lia pra Beth, que lia pra Rosa, que lia pra Reça, que lia pra Linda, que lia pra todo mundo...

Fábio Barbosa, Vista Alegre, setembro de 2023

Apresentação

Travessias: 20 anos da Oficina de Leitura Guimarães Rosa IEB-USP - Livro II se insere na trilogia organizada por Elni Elisa Willms, em seu trabalho de pós-doutorado – sob supervisão do Professor Michel Riaudel, na Sorbonne de Paris-França, durante meados de 2022 e 2023 – e em parceria com o professor Rogério de Almeida, da Faculdade de Educação da USP. Os três livros se configuram como um trabalho coletivo, como têm sido as atividades da Oficina de Leitura ao longo dos seus mais de 20 anos de existência. As parcerias sustentam a Roda de Leitura, os grupos de bordados, as viagens ao sertão rosiano, a divulgação e a realização das atividades do Grupo Miguilim em Cordisburgo e São Paulo, entre muitos outros eventos como se poderá verificar nas páginas ricamente documentadas a seguir. O que se quer sublinhar é que este Livro II, espécie de extensa crônica/reportagem sobre as comemorações dos 20 anos da Oficina de Leitura Guimarães Rosa, precisa ser lido e apreciado tendo o Livro I e o Livro III como parceiros.

Para os que tiverem acesso a este livro em primeiro lugar, indica-se olhar também para o Livro I, um compilado de mais de 40 textos em 414 páginas de diferentes participantes da Oficina de Leitura, em que contam ou narram algum aspecto da sua participação: estudos e pesquisas sobre livros ou trechos de livros lidos de Guimarães Rosa que inspiraram poesias, haikais, crônicas, podcasts, ensaios acadêmicos e cartas, e assim registra-se uma grande parte do movimento gerado pela leitura dos textos rosianos no âmbito da Oficina de Leitura.

Quando foi solicitada a colaboração para o Livro I, Regina Pereira de pronto disse que tinha um bom acervo de fotografias e que iria organizar esse material para compor o Livro I. Entretanto, quando ela começou a fazer esse trabalho, o volume foi crescendo

de um tanto que os organizadores decidiram, devido à qualidade do acervo apresentado, que ele seria independente, e assim nasceu este Livro II. Embora a narrativa seja em primeira pessoa, o que Regina Pereira nos apresenta é o movimento da participação coletiva de leitores da obra de Guimarães Rosa que transitam da cidade para o sertão e vice-versa, além das muitas atividades realizadas na cidade de São Paulo e que divulgam a obra rosiana. De maneira presencial ou online para o mundo. Mas Regina ainda faz mais: ela se insere nas crônicas, revive aspectos da obra lida, visita os lugares e traz para os leitores as suas leituras, nos convida a pensar junto com outros escritores, nos interroga sobre os rumos, as necessidades e os sentidos de sermos leitores neste mundo.

E que o leitor possa também se aprofundar com o Livro III e as suas 20 entrevistas com pessoas que estiveram no início da Oficina de Leitura, além das coordenadoras, dos parceiros, dos participantes e das três mulheres da equipe técnica que deram o apoio para que a Roda de Leitura pudesse acontecer de maneira online a partir da pandemia da Covid-19 em 2020. O Livro I, o II e o III estão disponíveis para acesso gratuito no Portal de Livros Abertos da USP através do link <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1121>

Num país de dimensão continental, como é o Brasil, registrar as atividades de um grupo de leitura que persiste por mais de 20 anos é algo que merece ser olhado com admiração e respeito. Principalmente porque a Oficina de Leitura Guimarães Rosa se alimenta da obra deste escritor brasileiro ainda pouco conhecido do grande público, mas que, por todo o percurso apresentado ao longo desta trilogia, mostra-se acessível àqueles que se aventuram na busca do conhecimento que Guimarães Rosa efetivamente nos legou com toda a sua literatura. O nosso desejo é que mais e mais leitores adentrem o mundo rosiano para que possam colher em si as alegrias da leitura.

A todos desejamos um ótimo passeio na travessia pelas páginas deste livro! Que ele possa inspirar em cada um ricas e infinitas leituras!

Os organizadores:
Regina Pereira
Elni Elisa Willms
Rogério de Almeida
Michel Riaudel

De leitora a devota, a travessia pela obra e pela geografia de Guimarães Rosa

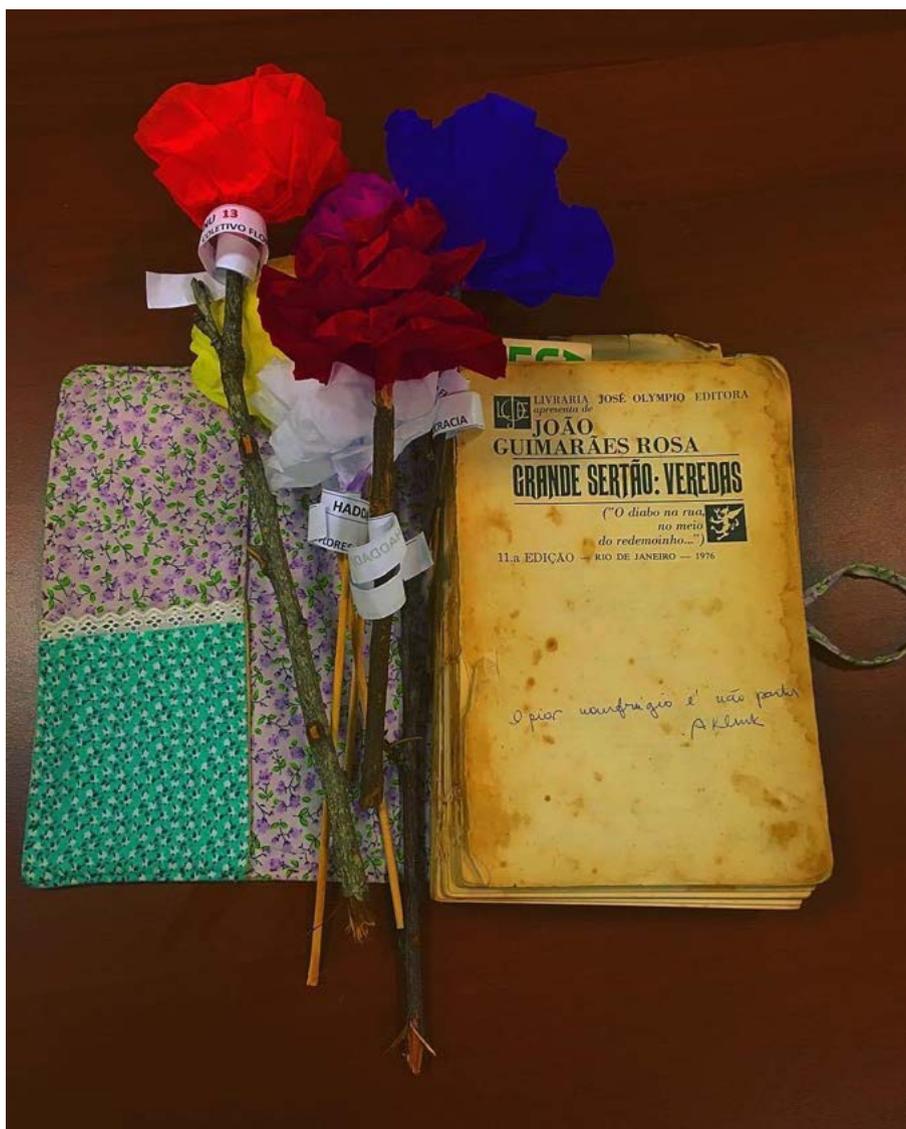
Regina Pereira¹

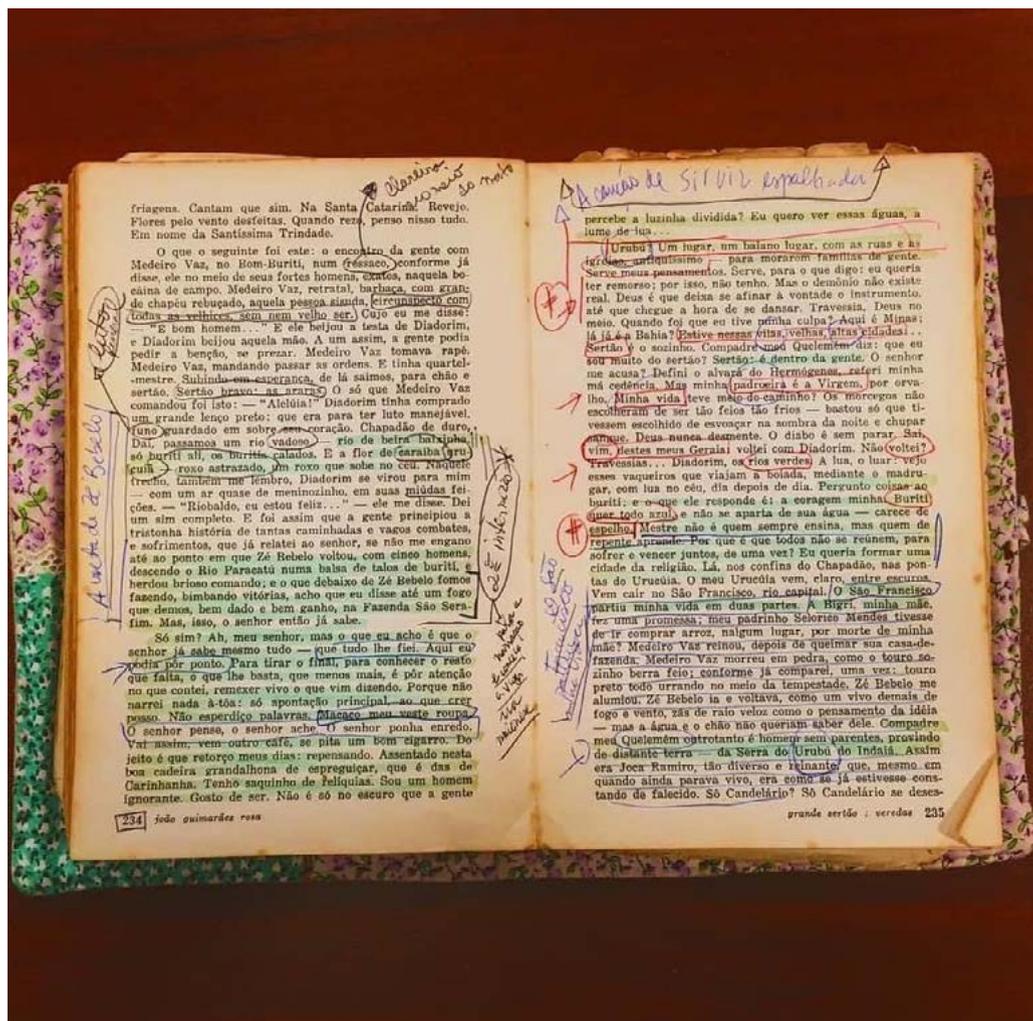
Cada leitor existe com o objetivo de assegurar uma modesta imortalidade a determinado livro. A leitura é, nesse sentido, um rito de renascimento.

Alberto Manguel em *A biblioteca à noite*.

¹ Regina Pereira é jornalista e uma das coordenadoras da Oficina de Leitura Guimarães Rosa IEB-USP. Desde 2006 se dedica à obra de Rosa como leitora apaixonada, mediadora de leitura e viajante literária em busca do “quem dos lugares”, de epifanias e da Poesia com P maiúsculo. Muito por influência de Guimarães Rosa é também passarineira, gateira e planteira militante. Mãe de Murilo e Francisco, amores.

Tutameias





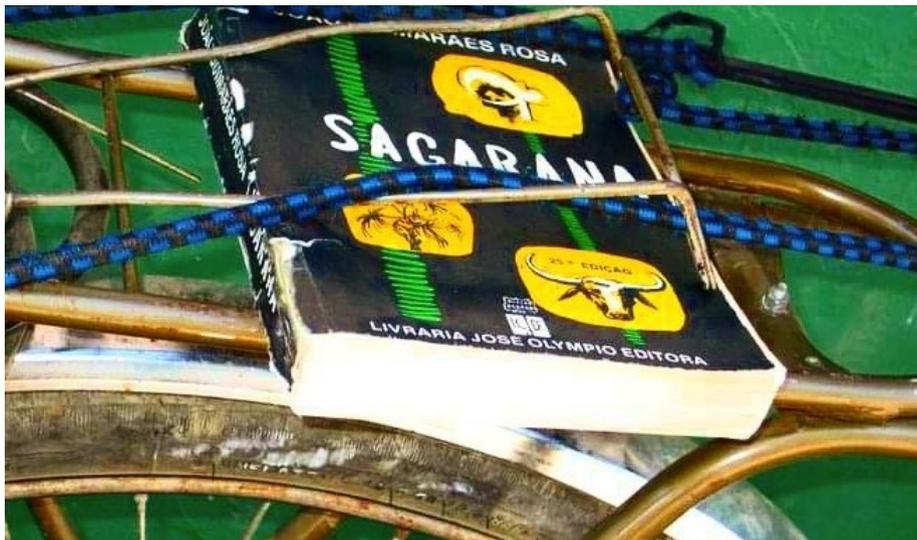
Este é um dos muitos exemplares deste oráculo que tenho na minha roseana. O Livro, surrado, rasurado, anotado, percorrido, lido, relido, translido e nunca esgotado!!!! Não é o mais apresentável, porém é o que mais aprecio, cheio de cicatrizes. Com ele quantas vezes atravessei o Liso do Sussuarão, estive no primeiro encontro, no De-Janeiro, avistei Otacília emoldurada na janela da Fazenda Santa Catarina, lutei na batalha do Paredão, fui a Os Porcos, nos Geraes de Lassance, ao Peixe Cru, a Itacambira procurar o batistério de Diadorim! Quantas milvezesmente me assombrei com a dor

de Riobaldo! Mais que um exemplar, um mapa, uma bússola apontada para as belezas da escrita. Aos que perguntam se a gente não cansa de ler e reler os mesmos livros, respondo: não lemos os mesmos livros, a cada leitura somos outros, e os livros de um autor como Rosa, literatura de alta tensão, como bem classificou Alfredo Bosi, são inesgotáveis. A essência da nossa Roda/Oficina de Leitura é mergulhar nas mil e uma noites do sertão e mostrar uma porta, uma janela, uma fresta que seja para aproximar o leitor de Guimarães Rosa.



Os Devotos do Rosa são assim: vestem a camisa da obra, literalmente.

Foto: Murilo Passos



Bike do sertão, na garupa leva ouro puro. Foto: Regina Pereira



Placa de advertência na Loja do Brasinha em Cordisburgo. Foto: Regina Pereira



“E não é sem assim que as palavras têm canto e plumagem.” Avalovara, escultura de Deivid, artista de Cordisburgo que forja em sucata Rosa e o sertão.

Foto: Regina Pereira



Eulina Lufti e um devoto do Ceará numa caminhada literária. Foto: Regina Pereira

DIA SIM
DIA NÃO
• DIADORIM •
100% GUIMARÃES

A arte de Alê Silveira inspirada na camiseta de um devoto do Ceará.

O(s) primeiro(s) encontro(s)

Peço ao senhor que tolere o meu contar, assim desalinhavado, mas é o jeito de me reencontrar com a emoção de relatar a minha estória com a Oficina de Leitura Guimarães Rosa, ou Roda de Leitura, que data do ano da graça de 2008, centenário de nascimento de Guimarães Rosa. Mesmo sendo leitora de Rosa desde os 15 anos, preciso pontuar que entrei de cabeça neste vasto universo só em 2006, quando participei pela primeira vez de uma Semana Roseana, a que comemorava os 50 anos de *Grande sertão: veredas*. Era a minha segunda vez em Cordisburgo, na verdade a terceira considerando uma madrugada em que eu, um projeto de bicho-grilo, vinda de trem de Belo Horizonte a caminho de Pirapora, divulguei com olhos de sono e de sonho, na estação singela, uma tabuleta: Cordisburgo. A primeira de verdade foi em 1999 num janeiro ardente. Nesta ocasião, quando entrei na estradinha que dá acesso ao burgo do coração me perguntei: “Serei digna de cruzar esse umbral?” Nesta primeira incursão passei mal ao adentrar no Museu Casa Guimarães Rosa, e na Gruta do Maquiné, composta de sete salões, mal atingi o terceiro. Acho que a emoção foi demais, e eu não consegui processar tudo o que estava vivendo. Só recentemente me dei conta de que na verdade foi a ponta de um processo iniciático do que viria a se desenrolar nestes anos que se contam em quase duas dezenas. Era um momento da minha vida em que precisava ressignificar algumas escolhas pessoais e entender e honrar um vaticínio que um professor de Literatura numa escola pública em Guaxupé, interior de Minas Gerais, fez ao me emprestar um cartapácio de quase 600 páginas: “Você não vai entender muita coisa agora, mas, conhecendo você como conheço, vai ler esse livro e esse autor a vida toda”. Pois digo ao senhor que até hoje estou lendo. *Grande sertão: veredas* é um livro em processo de estar lendo, nunca um livro considerado lido, assim como toda a obra do Rosa.



Em 2006, na casa que ele nos deixou de herança. Foto: Ronaldo Alves

Voltando a 2006, preciso registrar um acontecimento significativo e deflagrador. No início do ano, na Editora Abril, Carlos Machado, Cleide Castellan e eu, que já fazíamos parte de uma confraria chamada Fundação Vieira Souto, que trazia embutida outra confraria, a Celma (Clube dos Leitores Étílicos de Machado de Assis), combinamos de ler *GSV* juntos, mas cada um em sua casa. Era uma maneira de amenizar a vida no ambiente tóxico da corporação. Durante algumas semanas o cardápio do almoço eram as páginas que íamos devorando. Ninguém se atrevia a se sentar com a gente, nesta altura já devidamente apelidados: eu era Grande sertão, Cleide, Veredas, e Machadinho os dois pontos. Essa “roda de leitura” singular foi o ponto de partida para a minha decisão de ir ao sertão naquele *ano mirabilis*.

E lá se vão mais de 17 anos desde a primeira Semana Roseana, quando *Grande sertão: veredas* arredondava 50 anos. Ainda me lembro do ar diáfano, do julgamento de Zé Bebelo na mata, do Rodolfo Goulart de Jiló na beira do Onça. Do Encantado, o boi que mano Josino Medina trouxe do Jequitinhonha pra gente brincar. Me recordo das 20 mil rosas de crepom que o artista plástico pernambucano Severino Iabá, com grande ousadia e com a ajuda da população local, plantou nos jardins da cidade e que virou a nossa marca registrada. De dona Antonieta, das poucas pessoas ainda vivas que receberam Rosa na viagem da Boiada. Do sorriso, do abraço e do coração enorme do Brasinha, o embaixador do sertão, o nosso canoieiro-mestre, o nosso Riobaldo, com sua prosa líquida sempre a especular, a inquirir, a ir atrás do rastro de uma ideia. Da amizade dada de Darcy (e “amizade dada é amor”). Do talento do saudoso Zé Maria, narrador gigante num corpo franzino. Tudo era tão novo e intenso naquela cidadezinha singela. Nunca poderei me deslembrar de tudo que vi, do que fui, do perfume que aspirei, do que senti naqueles dias. Tudo era uma claridade, tudo era mágico. Tudo era afeto. E continuou assim pelo tempo afora. Essa viagem abriu, dois anos depois, um portal enorme na minha vida: a Roda de Leitura, os Devotos do Rosa, as viagens sertão adentro, os amigos de fé. Na ocasião, escrevi uma matéria para a *National Geographic*, o único texto produzido em português, para uma seção chamada Código Postal, cujo objetivo era mostrar como um lugar “desimportante” entrava no mapa do Brasil e quais eram os predicados para isso acontecer. Ao adormecer, quase de manhã, depois de uma noite insone escrevendo a matéria, sonhei com Rosa numa alameda de buritis me acenando sim com a cabeça. Foi mágico. E outros sonhos com ele e a obra se sucederiam.

Além da matéria, tempos depois, cometi esta crônica poética, que tenta dar conta desse olhar primevo sobre este bioma.

O aniversário do Livro

O Senhor mire, veja, tolere e me escute. Vou lhe falar de um aniversário inusitado. Poucos entenderão, mas o Senhor, sim.

Nós viajamos infinitos quilômetros para a festa de 50 anos do Livro. Alguns atravessaram o mar. O chamado cada um recebeu a seu modo e a seu tempo quando

O conheceu. Mas estavam quase todos lá: os curiosos alemães, os paulistas, muitos “meu”, os previsíveis franceses, os mineiros, “demais”, Mercês, a Catalã, discutindo a utilidade da inutilidade, e até um dinamarquês, assombrado com a inclemência do sol do sertão. Severino, o pernambucano gravetinho de olhos de são Francisco, ousou plantar 20 mil rosas de crepom na cidadezinha singela. Muitas estampavam as mais belas frases do livro. Josino, o violeiro, veio do Jequitinhonha pilotando um Passat rosa-choque carregando o Encantado pra gente brincar. Nos acabávamos atrás do boi: crianças, doidos, Precatão, velhos, seu Tuninho Sozinha e a sanfona Saracura, Jonhinho e a sua viola, minha amiga Ceres, os cachorros e suas pulgas: “Evem o Sol, evem a Lua, evem o Encantado passeando pela rua”.

Vivíamos a epifania. De presente ao aniversariante oferecemos nossos olhos, esfolados pela intensa quilometragem a percorrer as suas quase 600 páginas. Tantos recitavam trechos de cor: “Dar beleza a quem tem fome de beleza é também um dever cristão”. No Zoológico de Pedra, piqueniques literários, nós esparramados na Preguiça gigante, adormecida desde a Pré-História. Numa manhã de brumas, Linda, Camila e eu levamos o Livro e as rosas para o salão maior de Maquiné, e no silêncio absoluto da gruta rezamos mais algumas de suas páginas.

Nas tardes, entre retalhos e panos rústicos bordávamos dizeres do Livro, agulhas guiadas por serenas senhorinhas que Dele sabiam o que os seus avós e bisavós já contavam. Com elas tomávamos café com prosa, aprendíamos uma pronúncia firme, carregada, desaprendíamos a pressa. Ganhávamos uma intimidade respeitosa.

As noites de Cordisburgo, “onde as estrelas brilham com mais agarre de alegria”, nos davam as fogueiras nos quintais das casas com zelosas cantoneiras ornadas de crochês e jardins de perpétuas, dalias e amores-magoados. Com o pactário seu Zépadre e a sua viola de cocho, cachaça com mel e umburana, cantoria, lua cheia, Brasinha, doce de mangaba e seu Tião Medonho. Em volta do fogo ancestral, articulando tantas línguas, estávamos todos pacificados pela beleza. “Tudo o que é bonito é absurdo”, nos ensinava o Livro.

PS: Dois anos depois muitos refizeram a viagem para festejar os 100 anos do Autor. Que não estava vivo, mas era muito mais que se. Ele desejara muito ter vivido tanto, ou mais de uma vida – “Para estas duas vidas, um léxico só não é suficiente” pontificava. Mitificava que ia escrever um dicionário, sua autobiografia definitiva. Mas essa é outra estória, fica para uma próxima fogueira. O senhor querendo, nos seus prazos, eu lhe conto.



Mercês, a catalã, discutindo com Brasinha a utilidade da inutilidade.

Foto: Regina Pereira



Brasinha e dona Antonieta, uma das poucas pessoas ainda vivas que receberam Rosa na passagem da Boiada. Foto: Regina Pereira

A Roda de Leitura, um bioma ecoliterário – Os inícios

Para falar da Oficina de Leitura, que nasceu para estender o prazo de validade das emoções que sentimos no sertão, é preciso contextualizar todo um bioma ecoliterário. A Oficina/Roda é de certa forma um ímã que propicia um diálogo intenso e ininterrupto da metrópole com o sertão, uma janela roseana sempre aberta, uma via de mão dupla que conjuga e congrega saberes acadêmicos e saberes populares e se multiplica em uma obra bordada, dançada, pintada, esculpida, cantada, narrada, forjada em ferro.

Antes da viagem de 2006, neste mesmo ano, eu conheci de vista alguns integrantes da Roda em eventos em que o povo de Cordisburgo veio trazer o sertão para nós, como o grupo Caminhos do Sertão na caminhada no Parque do Ibirapuera e os Miguilins em bibliotecas e no Equipe, um colégio de ponta. Fiquei particularmente impressionada com a figura de um certo alemão, Dieter Heidemann, que juntava geografia com literatura, o próprio Seu Alquiste de “O recado do morro”. Ele me emprestou uma publicação caseira encadernada, que, confesso aqui publicamente, nunca devolvi. Naquela época eu era uma iniciante neste mundo, um jaguncim tímido, e nunca pensei que um dia iria fazer parte deste bando dos Ramiros. Eu portava um sobrenome corporativo, era prisioneira de uma torre ebúrnea, situada na marginal do Pinheiros, vizinha à USP. Com horários incertos de trabalho e sob o tacão de uma chefia despótica, conseguir uma condicional para participar da Roda era um desafio semanal, objeto de barganhas e lutas renhidas. Mas eu teimava e ia.

No IEB antigo, o Iebinho, às quartas-feiras, das 18 às 20 horas, encontrei uma turma incrível que se reunia pelo puro prazer de ler Guimarães Rosa em voz alta. Mais tarde comecei a perceber que era muito mais que isso, um povo que não tinha limites quando se tratava de inventar eventos, de cantar, dançar e bordar uma obra.

Desta época vale lembrar de figuras como a Doly que, já com 90 anos, passava o dia na USP em cursos, e se juntava a nós trazendo ricas contribuições. Ela funcionava como um léxico ambulante, com os seus conhecimentos de latim e grego.

Em torno do ecossistema da obra na Roda gravitavam músicos, dançarinos, bordadeiras, estudantes em processo de tese, leitores comuns que queriam a chave para

adentrar na obra de Rosa. Tudo era motivo para festa, como a abertura de semestre com o grupo Redimunho em cantoria. O Redimunho mergulhou fundo no sertão e produziu espetáculos belíssimos com esse substrato. Estávamos sempre metidos em cenários inusitados, casarões e porões antigos, onde eles apresentavam as peças.

Tudo era motivo pra se reunir, como no lançamento do livro da Adélia Bezerra de Meneses, *As cores de Rosa*, no Centro Cultural Maria Antônia, em 2010.



Sertão e cidade no lançamento de *As cores de Rosa*. Foto: Arquivo pessoal



Grupo Redimunho abrindo o semestre da Roda de Leitura no IEB antigo.

Foto: Regina Pereira

Bordando e vestindo o Manto do vaqueiro

Ainda no IEB antigo, fomos provocados/convocados a ajudar no projeto da nossa colega Beth Ziani bordando o Manto do vaqueiro, que hoje se encontra no Museu Casa Guimarães Rosa, em Cordisburgo. Nos reunimos no estúdio de dança do Zé Maria e passamos uma tarde dando os nossos pontinhos naquela paisagem concebida por Zé Murilo, nosso amigo pintor de Cordisburgo, hoje encantado. O Manto pronto, antes de ir de vez para o sertão, foi nos visitar no IEB, para que todos pudessem vesti-lo. Portar a capa do vaqueiro foi para mim como um segundo batismo, a confirmação de um pacto que fizera de participar deste universo mágico.



O saudoso Zé Murilo, que emprestou a sua arte para ilustrar o Manto.

Foto: Beth Ziani



Tia Dita e Joana Salles, figurinista do Manto. Foto: Rosa Haruco



Eu vestindo este belo parangolé, o Manto do vaqueiro.

Foto: Linda Yazbek Rivitti



A capinha, uma réplica. Foto: Regina Pereira





Dieter e o Manto, frente e verso. Fotos: Rosa Haruco



Magna Martins, ex-Miguilim, veste o Manto. Foto: Rosa Haruco



Amália Santos e Tânia Biazoli. Foto: Rosa Haruco



A saudosa Tia Dita! Foto: Rosa Haruco



Gil Veloso, Dieter Heidemann e Beth Ziani na bordação do Manto.

Foto: Regina Pereira



Fernanda Rivitti dando os seus pontinhos no Manto. Foto: Regina Pereira



Dieter e Gil Veloso trocando pontos. Foto: Regina Pereira



Moisés sendo iniciado no bordado por Joana Salles. Foto: Regina Pereira



Joana Salles ensinando o grupo a bordar o Manto. Foto: Regina Pereira



Jean Garfunkel, o músico que borda. Foto: Regina Pereira

Fogueira-sarau, o primeiro ajuntamento

Tudo sempre foi motivo para gente se reunir. Num 27 de junho gélido, muitas luas atrás, fizemos um sarau em volta de uma fogueira na casa da Beth Ziani, no Butantã, para comemorar a data de nascimento de Guimarães Rosa. Mal sabíamos que seria o ensaio dos muitos eventos que ainda estávamos por realizar. “O vau do mundo é a alegria”, já dizia Riobaldo.







Andrea Seabra, Fernanda Rivitti e Linda Rivitti. Foto: Regina Pereira



Jean Garfunkel. Foto: Regina Pereira



Rosa, Elisa, Linda, Fernanda e Selma Maria. Foto: Regina Pereira



Elisa Almeida e Dieter Heidemann. Foto: Regina Pereira



Narração do Pacto. Foto: Regina Pereira

O primeiro sarau a gente não esquece

Em 2009, foram dias e dias de ensaio para o nosso primeiro sarau na Biblioteca Alceu Amoroso Lima, em Pinheiros, num evento todo dedicado a Guimarães Rosa. Fizemos um jogral do poema “Um chamado João”, que Drummond escreveu para homenagear o amigo três dias depois do seu “encantamento”, com o luxuoso acompanhamento de Jean Garfunkel. Acertar o tom da narrativa não foi fácil neste poema que só nos ensina a fazer mais e mais perguntas. Mas demos conta. Foi lindo!





Celina Mori, Fernanda Rivitti, Moises Sales, Rosa Haruco, Linda Rivitti e Regina Pereira.
Fotos: Cleide Castellan



“Ficamos sem saber se João existiu, de se pegar”. Foto: Cleide Castellan

O sertão em toda parte

Em 2009, o Sesc trouxe o sertão pra São Paulo no evento Sertão no meio do redemoinho, e devoto que é devoto é assim: confecciona flores de crepom com frases Rosa, arruma uma matula, parte para Rodoviária do Tietê, em São Paulo, passa o dia assistindo a uma apresentação luxuosa do povo de Cordisburgo, distribui as rosas para os viajantes, que, na longa estrada da vida, mesmo sem conhecer Guimarães Rosa, se reconhecem naquele cenário, nas “musgas” que seu Tuninho Sozinha toca na Sanfona Saracura, que ele mesmo artesanaria, nas palavras de Riobaldo que ecoam na interpretação do grupo Caminhos do sertão. Biscoitos finos distribuídos para a massa.







Na plataforma da vida, passageiros se reconhecem nas “musgas” e nas palavras de Guimarães Rosa. Foto: Regina Pereira



Seu Toninho Sozinha, Zé Maria e Dayana Xavier. Foto: Regina Pereira



Dayana Xavier e Tiago Goulart. Foto: Regina Pereira



Registros da performance dos atores e músicos de Cordisburgo
na Rodoviária do Tietê. Fotos: Regina Pereira

36 horas lendo Grande sertão: veredas

O nível de loucura das realizações da Roda começou a aumentar. Durante uma Virada Cultural de São Paulo, um evento de 24 horas, alguém lançou despreziosamente a pergunta: “E se a Roda fizesse uma Virada particular, lendo *Grande sertão* ininterruptamente? Poderíamos chamar músicos para animar a noite, bailarinos, trazer comida, colchonetes”. E assim foi feito. Dá para imaginar um acontecimento desses? 36 horas de leitura? Doidos eles eram? “Mas quem não é, mesmo eu ou o senhor?”



Bordado do grupo Teia de Aranha. Foto: Rosa Haruco



Dieter Heidemann presidindo a maratona. Foto: Rosa Haruco



O grupo de Zé Maria bailando *Grande sertão*. Foto: Rosa Haruco



Rosa Haruco atenta na longa leitura. Foto: Linda Rivitti



Horinhas de descanso. Foto: Rosa Haruco



Tia Dita, Paulo Nunes, o “Paulão”, e Wagner Dias. Foto: Rosa Haruco

60 anos de A boiada

Em 2012, depois da bem-sucedida experiência da maratona lendo GSV em 36 horas ininterruptas no IEB antigo, a Roda se animou a encarar outra, desta vez mais curta: nos 60 anos de A boiada, ler as cadernetas em um dia. Um café da manhã e um almoço com um cardápio que Guimarães Rosa apreciaria deram ao evento um toque especial.





A boiada vai sair. Somos que vamos. Fotos: Rosa Haruco



As organizadoras da parte gastronômica do evento, Amália Santos, Tânia Biazoli e Magna Martins. Foto: Rosa Haruco



Tia Dita e Tia Anna, com Wagner Dias. Foto: Rosa Haruco



Participantes saboreando as delícias do sertão. Fotos: Rosa Haruco



As inseparáveis Tia Dita e Tia Anna. Foto: Rosa Haruco

Viajando ao coração dos lugares, pelo sim dos horizontes

Chegou uma hora que só viajar nas páginas dos livros se tornou insuficiente. Queríamos mais, muito mais, queríamos o “Quem dos lugares”. A Roda e a obra do Rosa criaram um tipo curioso de viajante, o literário. Como Rosa, vamos ao sertão com as nossas cadernetas e anotamos tudo o que vemos, sentimos, ouvimos, aspiramos. E como naturalistas modernos contamos com o auxílio luxuoso de nossas máquinas fotográficas e celulares. E voltamos doidos para compartilhar tudo o que vimos.

Depois de comer muita poeira nas estradas nas travessias pelo sertão, em roda relatávamos o que os nossos olhos transviram. Foi assim com o nosso pequeno grupo recém-formado, Os Devotos do Rosa. Com alumbramento revivíamos para todos os causos, as imagens, os sons, as “brisas”, como dizia a nossa integrante mais jovem, a Marina Apocalypse.

Em 2021 realizei A construção da narrativa visual do viajante literário, projeto contemplado pelo PROAC-LAB².



² Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Jw5zZT2A6gQ>. Acesso em: 10/4/2023.

Pré-comitivas em 2010 e 2011 – Morro da Garça e Andrequicé

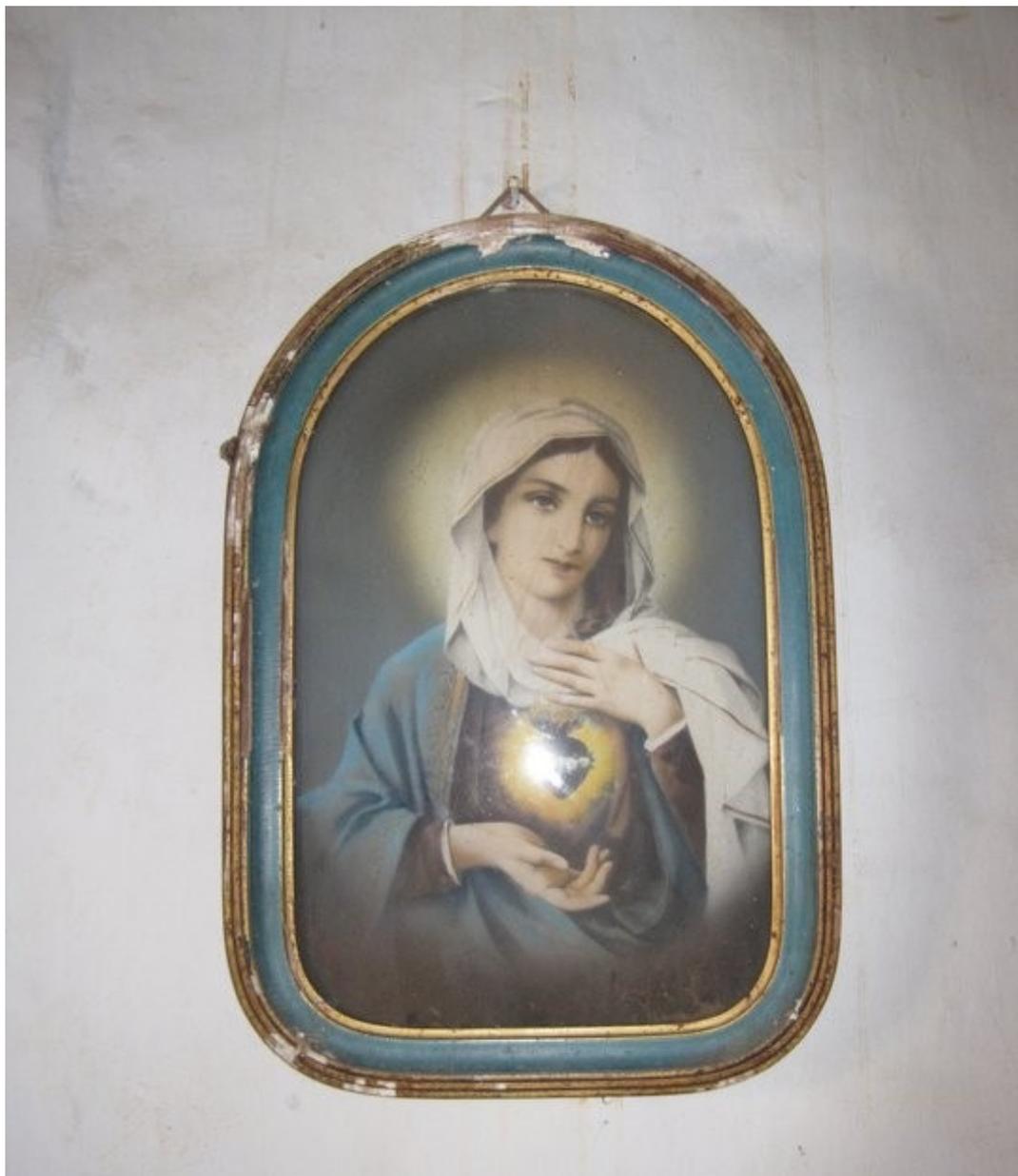
Antes das comitivas oficiais, eu já tinha feito dois ensaios de viagens alongadas pelo circuito Guimarães Rosa. A primeira em 2010, quando minha grande amiga em Rosa, Linda Rivitti, se dispôs a me apresentar o Morro da Garça. De Confins fomos de busão até Curvelo e depois de táxi até Morro da Garça. Estar frente a frente com um morro testemunho, o mesmo que Guimarães Rosa viu, com um morro personagem, num lugarejo de casarões centenários, repositórios de ancestralidades intactas, foi muito determinante para que eu decidisse ampliar os horizontes das viagens.



A primeira vez no Morro da Garça. Foto: Regina Pereira

No ano seguinte, 2011, resolvemos ir a Andrequicé antes da Semana Roseana. Era imperativo conhecer a Festa de Manuelzão, a capela no Baixio da Samarra, o porto do De-Janeiro, local do primeiro encontro de Riobaldo e Diadorim. Assim começaram

as sagas das “viagens inventadas no feliz”. Uma viagem que me marcou sobretudo pela imprevisibilidade dos acontecimentos. No sertão tudo é uma grande confusão, mas no fim tudo dá certo. Logo na chegada descobrimos que não ficaríamos na casa de dona Vera e seu Onilo, já que a prioridade era para o grupo Redimunho. Nos instalaram numa casinha branca de janelas azuis no meio de um pasto e fomos recebidas por três adolescentes cujos pais tinham viajado para ir em um casamento. E o guia de Três Marias, contratado para nos levar aos cenários roseanos, tinha, nas palavras do guia que apareceu para substituí-lo, “mijado na paia”, pois tinha se mandado para o forró de Curvelo. Adirson, nosso motorista peculiar, cuja definição de estado civil é “tenho lá uma purguenta”, se revelou um grande acerto, já que conhecia todos os descaminhos de terra e nos guiou pelos mares de eucalipto no meio do cerrado, e conhecia todos os truques do caminho, inclusive como abrir a casa da Fazenda da Tolda, onde Guimarães Rosa dormira na viagem de 1952. E sobre a hospedagem também foi um acerto, pois que ao receber os cheques a dona da casa, que na nossa última noite nos oferecera um delicioso arroz com galinha, nos disse: “Esse dinheiro não é para mim, é pra custear o tratamento de uma mulher cuja parte interna do nariz foi quase toda devorada por um mosquito de berne”. Nada mais *Grande sertão* que a crueza deste relato, que, no entanto, trazia uma grande generosidade.



A fé nos casarões ancestrais de Andrequicé. Foto: Regina Pereira



Lendo “Uma estória de amor” na capela de Manuelzão. Foto: Linda Rivitti

Comitiva 2013, tinha um Drummond no meio do caminho

A primeira Comitiva foi especial. Antes de tomar o rumo definitivo do sertão, fizemos uma parada em Borda da Mata, Minas Gerais, cidade do nosso amigo e poeta Donizete Galvão, que por sinal foi quem nos batizou de Devotos do Rosa. Em seguida rumamos para Paraisópolis, onde participamos da caminhada literária No meio do caminho tinha um Drummond, organizada pelo nosso amigo de Roda e sertão José Braga Barros.



Pedro Cândido, Braga Barros, Nadia e eu com o grupo de teatro Toque de Arte.

Foto: Arquivo pessoal

Depois de abastecidos da poesia de Drummond, começamos a peregrinação roseana por Andrequicé, conduzidos de novo por nosso guia, Adirson, com quem aprendemos um mantra sobre o ritmo do sertão: “Aqui é assim que funciona”. Passamos pela Fazenda da Tolda, onde um cocho de umburana traz a água da vereda para dentro de casa. Desta água Rosa bebeu, nós bebemos. Na Tolda, como Riobaldo, rezamos para Nossa Senhora da Abadia. Na capela de Manuelzão, no Baixio da Samarra, reli um trecho de “Uma estória de amor” no cenário onde houve a festa. No De-Janeiro, local do Primeiro encontro, muita emoção. A casa, a venda, o porto, tudo tão igual que eu podia jurar que vi Riobaldo e Diadorim pitando cigarro debaixo da mangueira. Muitos quilômetros depois, atravessando pequenos Lisos do Sussuarão, o sol acendeu as águas do Urucuia, “rio meu de amor”, alcançamos os longes do Parque Grande Sertão, e experimentamos, diante do Vão dos Buracos, o significado pleno da frase “e senhor sabe o que o silêncio é? É a gente mesmo, demais”. Na volta, em Itacambira, rezamos, rezamos por Diadorim na igreja “onde tem tantos mortos enterrados”. Estávamos quase que o tempo todo viajando dentro da obra.



Devotos na capela de Nossa Senhora da Abadia, na Fazenda da Tolda. Foto: Adirson



Na Fazenda da Tolda, café com queijo e rapadura. Foto: Marina Apocalypse



Moises, Marina, eu e o nosso guia, Adirson, no porto do De-Janeiro.
Foto: Cleide Castellan



No porto do De-Janeiro. Foto: Marina Apocalypse



Interior da casa do porto do De-Janeiro. Foto: Regina Pereira



A capela de “Uma estória de amor”, no Baixo da Samarra, em restauro.
Foto: Regina Pereira



Emoção na chegada. Foto: Arquivo pessoal



No Vão dos Buracos, ponto extremo da viagem. Foto: Jacinto



Com o nosso guia Jacinto, enciclopédia de plantas. Foto: Cleide Castellan

Comitiva 2015

Em 2015, intentamos alcançar o local da batalha final, o Paredão, atravessando um verdadeiro Liso do Sussuarão, uma estrada de atoleiros de areia. De São Paulo seguimos pra Cordisburgo, onde dormimos uma noite, fomos abençoados por Brasinha, e de lá rumamos para Buritizeiros. Do outro lado do rio, em Pirapora, reencontrei o Benjamim Guimarães, o vapor que restou dos tempos áureos da navegação pelo São Francisco. O zelador do barco, Carlos, era filho do comandante da viagem que eu fizera muitos sois antes, a minha primeira incursão ao Brasil profundo, quando, como Riobaldo, o São Francisco dividiu a minha vida ao meio.



Devotos no portal em Cordisburgo, a boca do sertão, de saída para mais uma comitiva.
Foto: Arquivo pessoal





Pedindo a bênção pra João Rosa, de saída para Curvelo.
Fotos: Katia Araújo

Na Guararavacã do Guaicuí

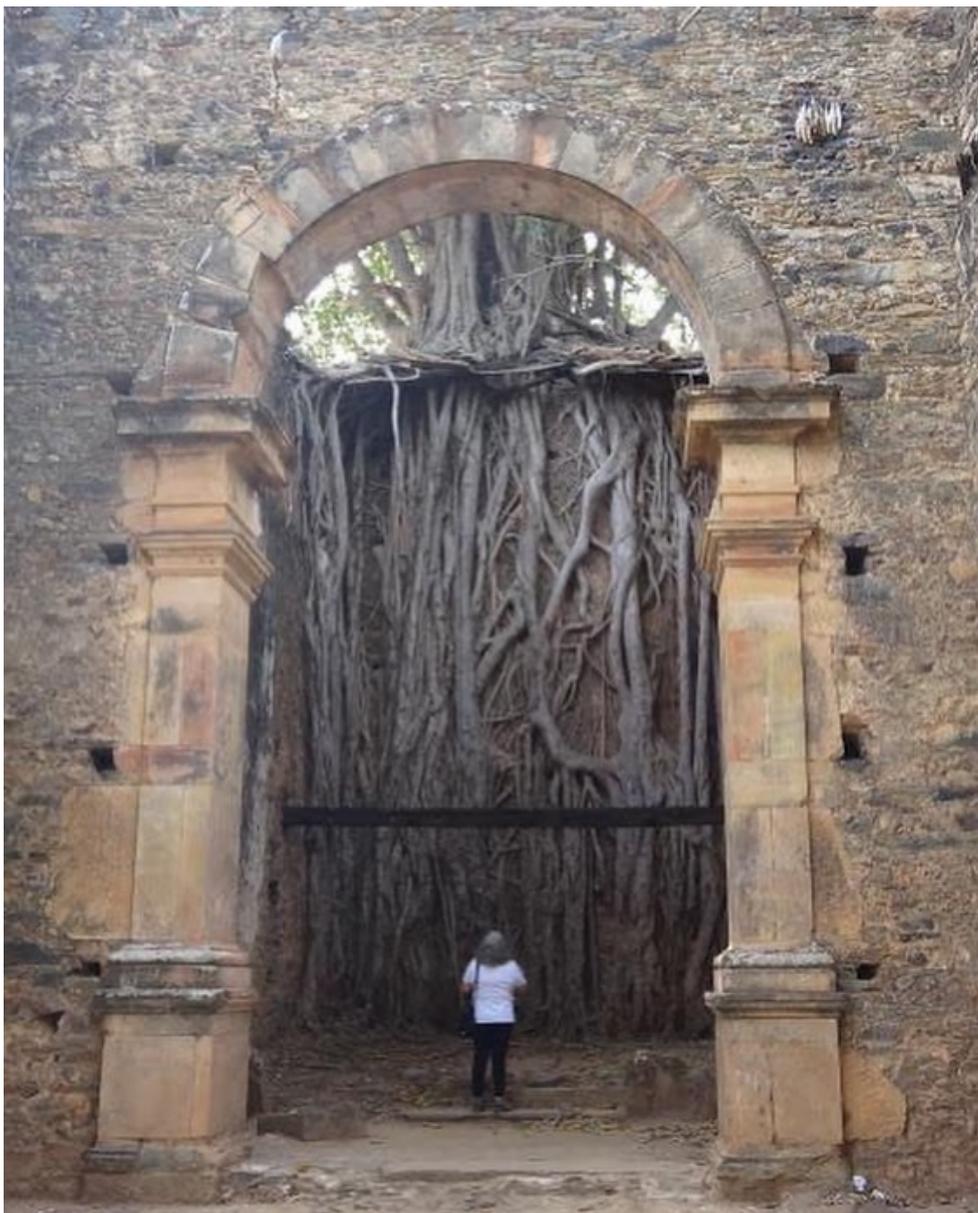
Como em *GSV*, não foi da primeira vez que atravessamos o Liso do Sussuarão. Não chegamos ao Paredão. Em compensação estivemos na Guararavacã do Guaicuí e na inconclusa catedral de 1679, onde encontramos uma única divindade, uma gameleira gigante que abraçou o altar e intenta alcançar o céu. Em *GSV* a gameleira é a árvore sob a qual o possível pacto foi feito. Nós fizemos o pacto de voltar.



Na barra do Guaicuí. Foto: Regina Pereira



A catedral inconclusa e a gameleira-guardiã. Foto: Regina Pereira



Eu, tão insignificante, nas ruínas de uma catedral jesuíta, rezando para a única divindade que a habita, a gameleira que tomou conta de seu altar.

Foto: Moises Sales do Nascimento



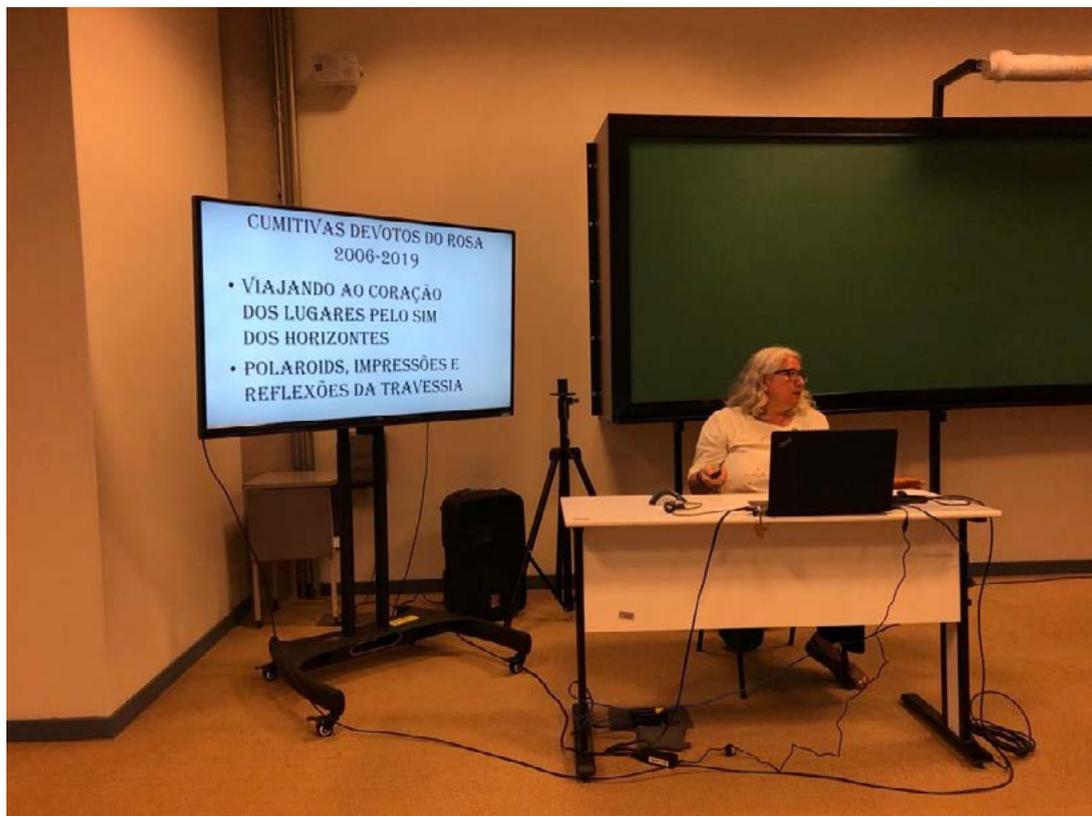
Devotos do Rosa mirando o “sim dos horizontes”, a caminho do Paredão.
Foto: Arquivo pessoal



Devotos a bordo do Benjamin Guimarães, em Pirapora. Foto: Arquivo pessoal



Apresentação do grupo Devotos do Rosa no IEB sobre a viagem ao sertão.
Foto: Linda Yazbek Rivitti

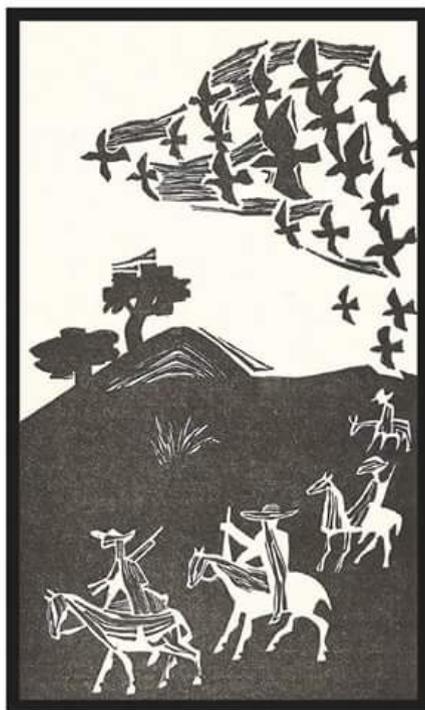


Mais uma apresentação do Devotos na Roda. Foto: Linda Yazbek Rivitti

2016, a Roda roda o ser-tão

Em 2016, com um grupo de integrantes da Roda, mais alguns convidados, fizemos o circuito Andrequicé, na Festa de Manuelzão, e de novo o De-Janeiro e a capela de Manuelzão. Fomos à Fazenda Santa Catarina conferir a denominação da flor: liro-liro? Casa-comigo? Dorme-comigo? Num almoço muito festivo na Fazenda da Tolda, um dos locais onde Guimarães Rosa pousou na emblemática viagem com a boiada em 1952, cantamos, dançamos, ouvimos estórias. Integrando este bando estavam os pesquisadores do IEB Bete Ribas e Frederico Camilo, que foram conhecer o sertão e levar um pouco do IEB para o sertão. Berthold Zilly, em processo de tradução de GSV para o alemão, também integrava a comitiva. Zilly foi um companheiro incrível, que atestou nesta viagem, e atesta sempre, a máxima de Guimarães Rosa “mestre não é quem sempre ensina, mas aquele que de repente aprende”. Podemos dizer que foi uma via de mão dupla, ensinamos e aprendemos. Desta viagem temos um registro fotográfico muito emblemático: Zilly, professor e tradutor, e Tia Anna, jongueira, poeta e mestra da vida, caminhando juntos pelo cerrado. Um instantâneo que confirma que a Roda é uma conjugação/conjugação dos saberes populares com os saberes eruditos. A própria síntese da obra de Rosa. Na capela de Manuelzão vivemos instantes mágicos com o grupo de narradores de Andrequicé. Até uma procissão ensaiamos com a imagem original da Festa de Manuelzão, de Sant’Ana, encontrada na igreja Das Pedras e restaurada.

COMITIVA DEVOTOS DO ROSA 2016



OFICINA DE LEITURA IEB – USP



Berthold Zilly, tradutor de GSV para o alemão, e Tia Anna, jogueira.
Foto: Dallena Freitas





Barbara Melgaço nos aboiando no Baixio da Samarra. Fotos: Regina Pereira



Contadores de estória de Andrequicé na capela de Manuelzão. Foto: Regina Pereira



Berthold Zilly, tradutor de GSV, Zé Antônio, da Samarra, e Salvim, dublê de Manulezão, na capela de Manuelzão. Foto: Regina Pereira



Procissão da capela de Manuelzão para a igreja Das Pedras. Foto: Ione Cadengue



Devotos do Rosa e Devotos de Andrequicé na capela de Manuelzão.
Foto: Arquivo pessoal



No porto do De-Janeiro, Luis Aranha, do grupo Redimunho.
Foto: Regina Pereira



Na Fazenda da Tolda, houve a festa. Fotos: Regina Pereira



No sítio Sagarana, Barbara Melgaço, Luis Aranha e Luciana Sonck.
Foto: Regina Pereira



A comitiva na varanda da Fazenda Santa Catarina. Foto: Arquivo pessoal



Bete Ribas, Claudia, Zilly, Ligia e Katia Araújo. Foto: Regina Pereira





Provando uma cachaça na cozinha da Santa Catarina. Fotos: Regina Pereira



Salvim, dublê de Manuelzão. Foto: Regina Pereira

2017, mais uma Comitiva

Em 2017, integrei uma comitiva que se organizou para refazer a viagem de 2016. A maioria perdera a oportunidade no ano anterior. Moises e eu nos juntamos ao grupo em Morro da Garça. Dieter nos levou de Kombi ao pé do Morro e, de madrugada, sob uma lua cheia nos alumando, subimos o Morro para assistir ao nascer do sol. E, do outro lado, ouro puro: a sombra do Morro impressa na paisagem. Como poderei me deslembrar?





Devotos flanando em Morro da Garça. Foto: Ruy Proença



Forró na casa do Dieter em Morro da Garça. Foto: Ruy Proença



Grupo animado conduzido por Dieter no topo do Morro da Garça num amanhã-ser.
Foto: Arquivo pessoal



O Morro, mais que paisagem, personagem. Foto: Ruy Proença







Silhuetas no amanhã-ser. Fotos: Ruy Proença



Ao amanhecer o Morro imprime a sua sombra no cerrado. Foto: Regina Pereira



Comitiva Devotos do Rosa 2017 na capelinha de São José, em Cordisburgo.
Foto: Arquivo pessoal



Devotos em Maquiné, narração no sétimo salão da gruta! Foto: Arquivo pessoal

A Roda me deu régua e compasso

Olhando pelo retrovisor me dei conta de como acumulei e depois espalhei o conhecimento que veio por meio da Roda. A cada leitura era um tal de comprar livros e formar uma Roseana respeitável. Uma sede de ler o quanto podia a respeito de cada obra. Foi assim que, mesmo não seguindo um caminho acadêmico (creio que não fui talhada para isso), juntei uma bagagem razoável e fui me aventurando a aceitar desafios que iam sendo propostos, ora em grupo, ora sozinha.

Avistar

O primeiro deles foi como palestrante num evento de observadores de aves no Parque Villa-Lobos, o Avistar. O tema, caro a mim, eram os pássaros na obra de Rosa. Naquela altura era um grande atrevimento da minha parte. Mas lá fui eu e ainda por cima confeccionei e distribuí rosas de crepom com frases da obra que mencionavam os passarins. Deste dia, além da camaradagem com o músico Tavinho Moura, um apaixonado por Rosa e pássaros, uma lembrança me segue. Faltava dar a última rosa. Escolhi um casal. Nada falei e ia indo embora quando o rapaz me chamou e disse: “Você não sabe como eu precisava dessas palavras no dia de hoje”. Não sei que frase era. Mas o objetivo de dar beleza a quem tem carência de beleza fora atingido.

Conciliando calos com leveza

Voltar às salas de aula da Escola de Comunicações e Artes (ECA) para conduzir uma Oficina de Leitura que apresentava Guimarães Rosa num curso de extensão cultural foi maravilhoso. Era um sábado, e neste dia os alunos tinham vindo dos extremos da cidade de São Paulo. Pedreiros, domésticas, pintores de parede, trabalhadores de serviços gerais. Pessoas conciliando calos com leveza. Num café da manhã que improvisaram no jardim pude ver o brilho nos olhos delas, a sede de aprender, de pisar numa universidade, mesmo que por uma manhã. Mais uma vez Guimarães Rosa dava “beleza a quem tinha fome de beleza”.



Roseando na ECA. Fotos: Andrea Seabra

Veredas em Sampa

Já devidamente batizados de Devotos do Rosa, fomos levar a palavra dele à Escola Estadual Tarcísio Álvares Lobo, no bairro do Limão, convidados por um ex-aluno e nosso amigo, Helio Silva. Teve de tudo, narração, cantoria, palestra. Introduzir a literatura de Guimarães Rosa em escolas públicas é sempre uma tarefa desafiadora, que cumprimos com louvor.

EETAL e NoVaral Inquietações Artísticas
apresentam:

*Veredas em
Sampa*

Uma pequena prosa sobre a vida e a obra de
Guimarães Rosa, orgulhosamente apresentada por:

Foto: Hélio Silva

Rosa Devotos do

membros da roda
de leitura do IEB-USP

Auditório da Escola Estadual Tarcísio Álvares Lobo
R. Estela Borges Morato, 500 - Bairro do Limão
20fev13 às 20h00

Cartaz feito por alunos.



Primeira apresentação dos Devotos do Rosa numa escola pública. Foto: Arquivo pessoal

Famigerada

Preciso fazer uma menção a um episódio que me marcou muito negativamente. Fui procurada por uma professora de um colégio público de Pinheiros, o Godofredo Furtado, que estava desenvolvendo um projeto interessante com alunos do terceiro ano do Ensino Médio. Topei falar de Guimarães Rosa para eles. Abordei João enquanto Joãozinho e trabalhei com eles “Famigerado”, de *Primeiras estórias*, justamente para enfatizar a necessidade de conhecer o significado das palavras, de consultar o dicionário. E mais fiz: pedi para nossa parceira Maristela Guedes o protótipo e o caminho das pedras para que eles confeccionassem um Joãozinho. Foram dias muito difíceis, metade da classe dormia nas aulas, entrei em contato com uma realidade do ensino muito triste. Eram as últimas aulas do projeto e eles iriam fazer uma exposição para a escola com todos os trabalhos, resultado das aulas sobre vários autores. Fiquei aguardando. Acontece que a professora, que me parecia muito legal o tempo todo, me ludibriou. Não me convidou para a exposição e me mandou um e-mail na semana seguinte para eu ir lá buscar um material que tinha ficado na escola. Famigerada. Só superei esse episódio porque, afinal, se pelo menos meia dúzia dos 40 tivesse se interessado já teria valido a pena. Fiz por eles, não por ela.

Radiolíngua

E os desafios iam se tornando cada vez mais ousados, como o proposto pela Fernanda Pompeu, que me convidou a falar de Guimarães Rosa no seu canal de internet, Acelera Texto. Criamos um programa chamado Radiolíngua, em que periodicamente fui abordando a obra de Rosa cronologicamente. Ficou faltando *Tutaméia*. Mas foi uma experiência em que, mais que ensinar, aprendi, pois passei por um período intenso de leituras dos livros e da bibliografia do Rosa.



<https://www.aceleratexto.com.br/imenso-joao-guimaraes-rosa/>

Na Chapada dos Guimarães, Rosa

Em 2017 recebi um convite inusitado do editor da Tanta Tinta, Ramon Carlini, para ir à Chapada dos Guimarães participar da 2ª Flic - Festa Literária de Chapada dos Guimarães para contar um pouco do Rosa e da Roda de Leitura. O nível do jogo foi aumentando e eu, mesmo com frio na barriga, lá fui conhecer esse pedaço lindo do Brasil. Foram dias inesquecíveis. Compor uma mesa com Pepetela, um dos palestrantes, foi mais do que podia sonhar. Conversar com ele e ganhar uma dedicatória foi outro bônus. Falar para um grupo composto basicamente de professores do ensino médio foi compensador. Quando terminei a palestra, uma professora concluiu falando para o grupo: “Vocês estão vendo como se trabalha uma obra? A gente tem de fazer aqui uma Roda de Leitura do Ricardo Guilherme Dicke” (um autor fabuloso, pouco lido, que escreveu inclusive uma tese sobre Rosa *Conjunctio oppsitorum no Grande sertão*, e um livro magnífico, *Cerimônias do sertão*). Naquele ponto a viagem já tinha valido a pena. E reencontrar a amiga de Roda de Leitura Elni também foi outro ponto alto da viagem.



2ª FLIC

FESTA LITERÁRIA DE
CHAPADA DOS GUIMARÃES
13 DE MAIO

1º - BATE - PAPO LITERÁRIO

OS SERTÕES E A LITERATURA

RICARDO GUILHERME DICKIE E GUIMARÃES ROSA

LOCAL: Câmara Municipal de Chapada - 10 as 12h



MEDIADOR:
LORENZO FALCÃO



DEBATEDORES:
REGINA PEREIRA - SP



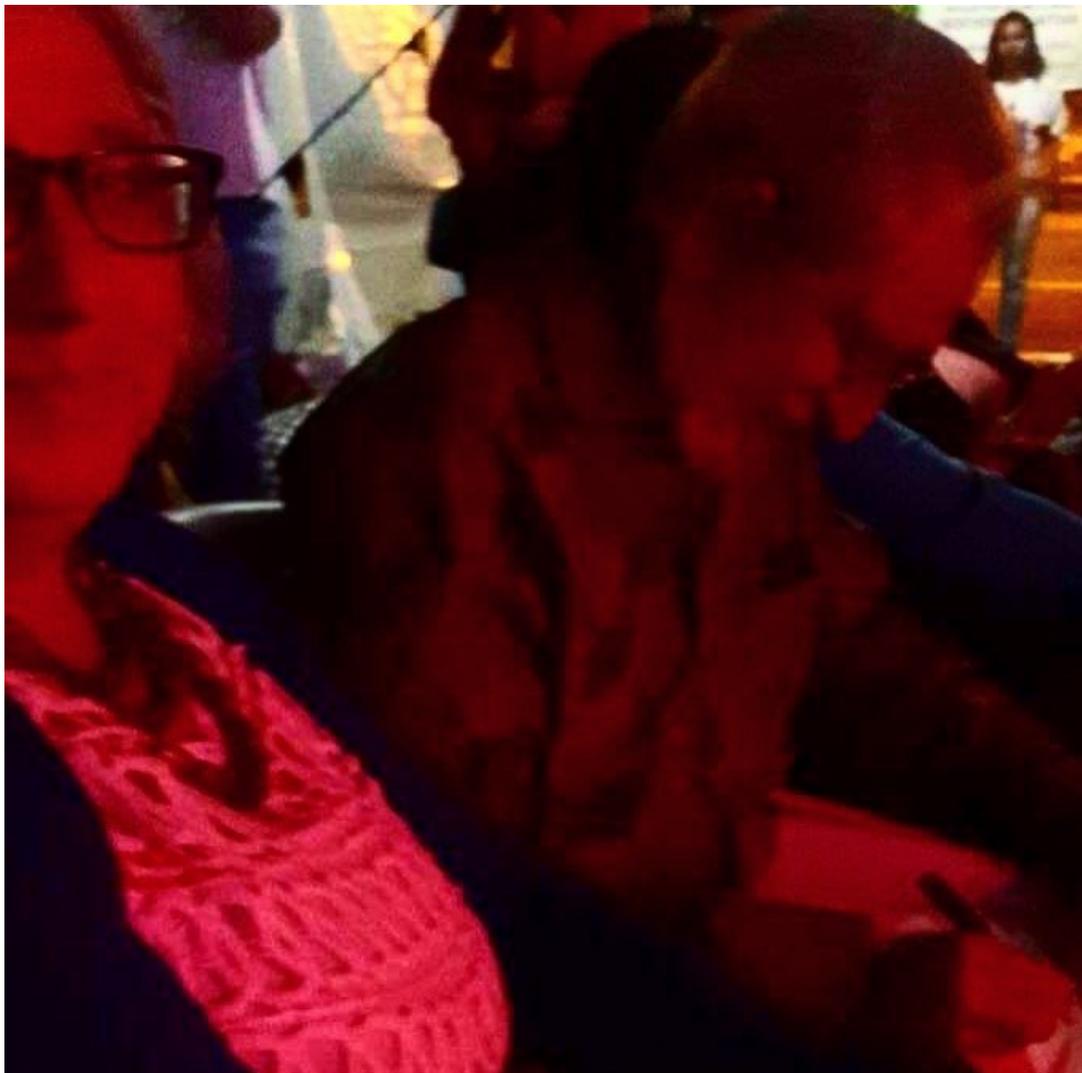
CRISTINA CAMPOS - MT

Para Regina,
Com todo o carinho
e estima do

Pepetela
12.05.17

Pepetela

O PLANALTO E A ESTEPE



Pepetela autografando o meu exemplar de *O planalto e a estepe*. Foto: Elni Willms



Grandes encontros: Elni e eu na Chapada dos Guimarães.
Foto: Arquivo pessoal

Café com Letras

Ainda em 2107 voltei à minha cidade, Guaxupé, sul de Minas Gerais, convidada a participar do festival Café com Letras, que naquele ano homenageava Guimarães Rosa. Muitos anos e livros depois, eu voltava para falar sobre Rosa onde eu tinha sido apresentada a ele. Na plateia ficou faltando Elias José, o professor que me iniciou em Rosa e que encantado estava.

11 Festa Literária
CAFÉ
com Letras
GUAXUPÉ
2017

23 A 30
DE JUNHO
TEATRO MUNICIPAL

*"A prosa e o verso saboreados
com café no sul de Minas"*

Homenageado
João Guimarães Rosa

Atrações

- Oficinas de Criação Artística e de Criação Literária
- Palestras literárias, mesas-redondas, lançamentos de livros
- Sessões de Contação de Histórias
- Peça teatral, musical e apresentação de dança
- Sarau inclusivo, "Voz e Poesia"
- "Café Acadêmico" em homenagem aos 120 anos da ABL
- Exposições de fotografias e de pinturas
- O café na área gastronômica e de cosméticos
- Mostra de artesanato relacionado à literatura e/ou ao Sul de Minas
- Mostra de callés artesanais da cidade e região

Apoio

Patrocínio

Organização

CNA
Inglês Definitivo

Arte
Nossa





Com a equipe organizadora do Café com Letras. Foto: Arquivo pessoal

Em outubro de 2023, a convite da Wanda Cândida, participei, em Guaxupé, Minas Gerais, da Flig, Feira de Livros de Guaxupé, como curadora e como palestrante. E neste evento pude sentir a força e a pulsação da literatura e da arte em geral, principalmente numa cidade pequena, onde essas manifestações não têm muito espaço. A palestra foi no Clube Guaxupé, onde antigamente só entrava a “elite”. Onde eu não entrava, pois não tinha grana para ser sócia, e, mesmo que tivesse, não portava sobrenome importante, e não seria aceita da mesma forma. E na noite da palestra fiz questão de frisar que a minha felicidade era entrar lá pela porta da literatura, da arte, porta por onde todos deveriam poder entrar. E gratas surpresas em esperavam: leitores de Rosa que vieram trocar emoções. Fiz novos amigos em Rosa, como o Tunico, leitor recente da obra, com quem troco impressões por zap, o Sebastião Gilberto, que “mói no aspro”, mas fantaseia. No dia a dia ele “mexe” com lavoura de café, mas escreve livros e lê Guimarães Rosa. Foram dias de muita fruição, de conhecer pessoas que fazem a diferença batalhando nesta árdua seara da cultura numa cidade de horizontes estreitos. Dias de conviver com contadores de estórias, como o Odilon Esteves, também convidado da feira, com quem aprendi muito nestas “horinhas de descuido”. Como diz dona Adélia, só a arte nos salva das horas brutas.





Equipe da Flig com Odilon Esteves. Foto: Murilo Passos

Surfando a onda das lives

Em 2020/2021, com a disseminação da lives por causa da pandemia, fui procurada pra fazer algumas. O jogo ia mudando de fase e os desafios se tornando cada cada vez maiores. Apesar da insegurança inicial, encarei. O jaguncim tímido da primeira Semana Roseana se metamorfoseando em palestrante online. Sim, a Roda teve esse efeito na minha vida. Nunca fui exatamente tímida, talvez insegura, mas a Roda ajudou a me soltar, a meu autorizar a falar em público.

A live com o grupo Redimunho foi especial, primeiro porque eu sou muito fã deles, depois foi uma oportunidade de reunir todas as reflexões que fazíamos na Roda com as minhas leituras, e, com a luxuosa companhia do Brasinha, falei de quanto *Grande sertão* é atual enquanto retrato do Brasil, da violência estrutural que permeia a nossa formação como nação. O mais legal deste dia foi que eu fiz uma análise desacorçada da realidade, pesada mesmo, ainda sob o impacto do nefasto bolsonarismo. E quando Brasinha entra, ele fala de esperança, de dias melhores. Fizemos uma dupla perfeita. Falei de *Grande sertão*, ele de *veredas*³.

³ Disponível em Link: <https://www.youtube.com/watch?v=IgO1qLo52kM> Acesso em: 10/4/2023.

grupo redimunho

SEMINÁRIO ABERTO

GRANDE SERTÃO: VEREDAS

AS RELAÇÕES DE PÓDER

Seg 15 19h30

Mediação: Ivan Fornerón
Com: Regina Pereira e Brasinha

@gruporedimunho

COOPERATIVA PAULISTA DE SERTÃO
CIDADE DE SÃO PAULO CULTURA
PÁTRIA AMADA BRASIL

Por indicação de Ronaldo Alves, diretor do Museu Casa Guimarães Rosa, participei de uma live do canal Oito Deitado. Foi uma conversa muito boa sobre *Grande sertão*, sobre como me tornei uma leitora de Guimarães Rosa e do poder que tem a nossa Roda de Leitura⁴.



Live Livro

Regina Pereira
grupo 'Devotos do Rosa'

28/08 ÀS 19H



 **oito.deitado**

Cartaz da página Oito.deitado.

⁴ Disponível em <https://www.instagram.com/p/CEc2KzNjDUZ/> Acesso em: 10/4/2023.

Senhor Corvo, Artes do Imaginário

Outro convite muito especial foi a live da Senhor Corvo, Artes do Imaginário⁵. No dia de aniversário de Guimarães Rosa, 27 de junho, Brasinha e eu reeditamos a dupla e, desta vez, inspirada na fala do Brasinha na live do Redimunho, foquei mais na esperança, ressaltando as realizações do povo do sertão, os nossos guardiões, que faz tanto com pouco. A repercussão foi muito boa, principalmente porque a grande maioria do público quase nada conhecia de Guimarães Rosa. E todos se apaixonaram com Brasinha. Como não se apaixonar?

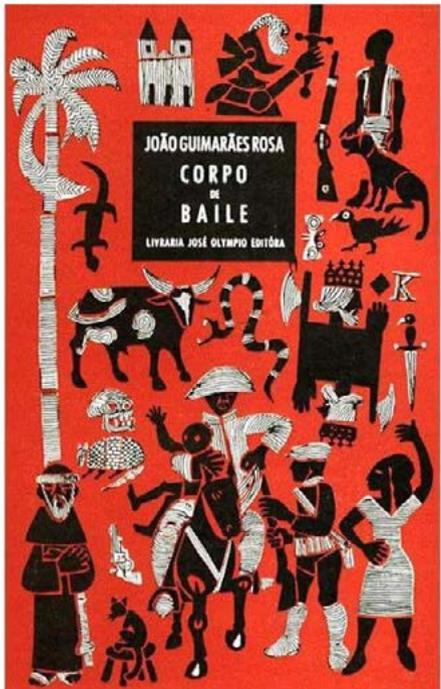
A Roda enquanto Oficina

A partir de 2016 a Roda enquanto Oficina foi se aventurando cada vez mais na seara de impulsionadora/produtora de eventos. Os convites foram chegando, e, como a gente não é de refugar, nos mobilizamos para que este aspecto da Roda, o de Oficina, de artesanania de saberes, de belezas, desse corpo ao suceder. Sempre nos perguntamos se não valeria a pena trocar o nome para Roda, já que assim somos mais conhecidos. Mas essa dupla personalidade é que nos faz mais fortes, mais diversos.

Corpo de baile na Biblioteca Villa-Lobos

Em 2016, nos 60 anos de *Corpo de baile*, nos revezamos, e em sete sábados percorremos os sete planetas da obra realizando leituras e oficinas na Biblioteca do Parque Villa-Lobos. Como não dava para ler uma novela inteira num dia, líamos um trecho e lançávamos uma semente para que cada um terminasse a leitura em casa.

⁵ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=dhgCpUwmvKU> Acesso em: 10/4/2023.



**Oficina de Leitura Guimarães Rosa
IEB-USP**

CORPO DE BAILE - 60 ANOS

Leitura e oficinas

de 03 de setembro a 15 de outubro de 2016
7 sábados - 7 novelas
das 15 às 17h
na Biblioteca Parque Villa-Lobos

20 vagas por oficina (acima de 14 anos)
retirada de senhas a partir das 14h30

Infinitamente Rosa

Em 2016, promovido pelo IEB-USP com a nossa colaboração, aconteceu na FAU-USP o seminário Infinitamente Rosa. O sertão invadiu o campus da USP e ocupou durante três dias o grande auditório da FAU, alternando exposições acadêmicas com narrações, cantorias, berrantes. E um *gran finale* com uma grande ciranda abraçando o salão. Foi também a despedida de Hans Dieter, que, de mudança para Morro da Garça, se transformaria definitivamente em Nhô Dito.

60
anos

_____ grande sertão
_____ veredas
corpo de baile _____

GR
infinitamente
rosa

_____ auditório da fau usp
fau usp _____
_____ rua do lago
_____ 876
cidade universitária _____

13 14 15
setembro
2 0 1 6
IEB USP
FFLCH USP



Na entrada da USP um belo exemplar de mulungu nos saudava.
Foto: Regina Pereira



Dieter e os então Miguilins Gabriel e Milena. Foto: Ione Cadengue



Dieter em véspera de se tornar Nhô Dito, com Fernanda, Linda e Regina.
Foto: Ione Cadengue



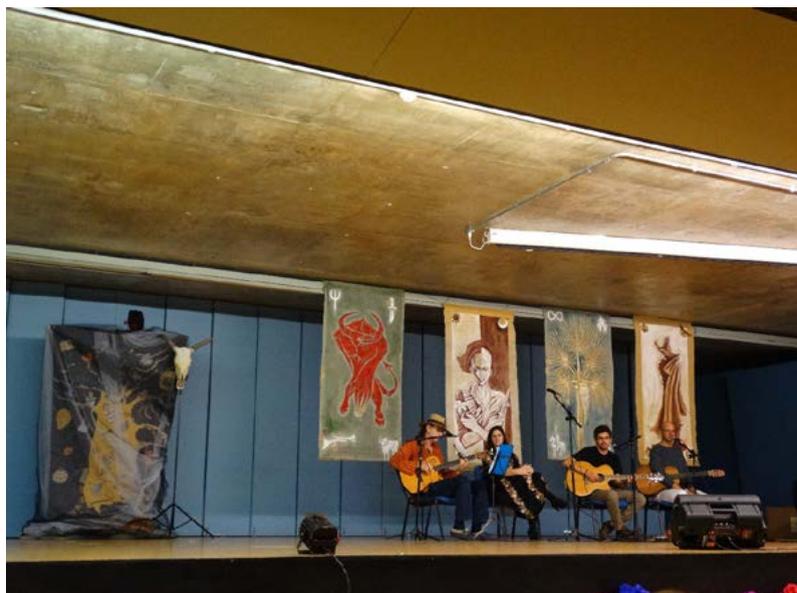
Dôra Guimarães e Tiago Goulart, mestres da narração.
Foto: Regina Pereira



A então Miguilim Duda, Adelia Bezerra de Menezes, Cleusa Passos e Luiz Roncari.
Foto: Regina Pereira



Dieter Heidemann, Yudith Rosenbaum e José Miguel Wisnik. Foto: Regina Pereira



Jean e Joana Garfunkel, Victor Mendes e Wagner Dias. Foto: Regina Pereira



José Maria e o seu Corpo de baile. Fotos: Regina Pereira



Vários brasis. Sertão-cidade, participantes do Seminário. Foto: Ione Cadengue



Miguilins e Elisa Almeida narrando para alunos da Escola Experimental da USP como prolongamento do evento da FAU. Foto: Regina Pereira



No auditório da FAU uma ciranda encerra o Infinitamente Rosa,
sertão e cidade de mãos dadas.

Foto: Ione Cadengue

20 anos do Grupo Miguilim, sempre alegres

Em 2017, nos 20 anos no Grupo Miguilim, a Roda se reuniu para gravar um clipe com música do incansável Wagner Dias. Foi também uma homenagem ao nosso companheiro Julio, que há pouco se encantara. Momentos de muita emoção.



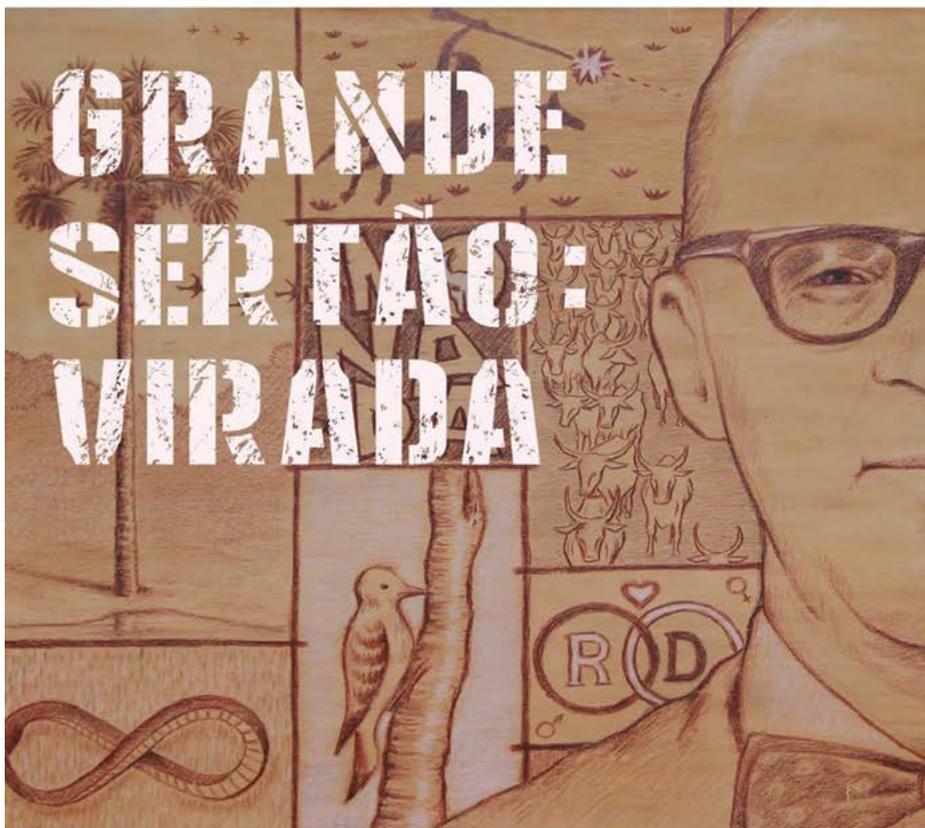
Magna Martins narrando antes da gravação. Fotos: Linda Yazbek Rivitti

Unibes

Em 2018, o músico e jornalista Alexandre Moschella procurou a Oficina de Leitura para conceber e realizar um evento na Unibes¹, em São Paulo, Grande sertão: virada. Logo de cara a Unibes deixou claro que não dispunha de verba, mas que cederia o espaço e uma equipe de apoio. O resto era com a gente. Pelo resto entenda-se verba para trazer o pessoal do sertão. Dôra e Tiago, que iriam de apresentar com Moschella, os Miguilins, Ronaldo Alves, representando o Museu Casa Guimarães Rosa. Procuramos inicialmente a Companhia das Letras, que estava lançando uma nova edição de *Grande sertão: veredas*. Poderia ser uma bela divulgação para a editora. Mas tudo que recebemos foi um lote de marcadores de livros. Pelo tanto de grandes nomes que aparecem no cartaz de divulgação é de se imaginar que tivemos muitos patrocinadores, mas na verdade o evento só foi possível porque Rosa Haruco, coordenadora da Roda, conseguiu verba da família Tess, que foi empregada para pagar os custos do grupo do sertão. Conto assim que é para que todos saibam com que tipo de dificuldade lidamos o tempo todo. Também realizamos um bazar com produtos trazidos de busão pela Dôra Santos, de Morro da Garça. Em poucas horas se acabaram as peças feitas no tear pelas artesãs de Morro da Garça, a boneca Nininha e os doces típicos também. Foi um dia muito especial, uma conquista. O concerto de Moschella tocando peças clássicas entremeado das narrações de Dôra e Tiago, as narrações dos Miguilins, a exibição de filmes. O saldo positivo é que este evento nos credenciou a alçar voos cada vez mais altos.

¹ “A União Brasileiro Israelita do Bem-Estar Social (Unibes) atende crianças, adolescentes, idosos e famílias que vivem em situação de vulnerabilidade social. A instituição atua para apoiar a educação no contraturno escolar, capacitar para o trabalho e disseminar o interesse pela cultura e desenvolver a independência”. Informação retirada disponível em <https://unibes.org.br/> Acesso em: 10/4/2023.

Ministério da Cultura, Governo do Estado de São Paulo, Secretaria da Cultura e Unibes Cultural apresentam



O músico **Alexandre Moschella** e a **Roda de Leitura do IEB-USP** convidam para o evento em homenagem a Guimarães Rosa nos 51 anos de seu "encantamento".

Dia 18 de novembro, domingo, na Unibes Cultural, ao lado do Metrô Sumaré. **Gratuito.**

Cartaz do evento com grandes nomes pegando carona no trabalho da Oficina de Leitura.
Arte: Maristela Guedes



Participantes e organizadores do evento Grande sertão: virada. Fotos: Arquivo pessoal



Alexandre Moschella, Dôra Guimarães e Tiago Goulart. Foto: Regina Pereira



Um grande concerto. Foto: Regina Pereira



Linda, Regina e Rosa, coordenadoras da Oficina de Leitura. Foto: Ronaldo Alves

Infinitamente maio

Em 2019, *Grande sertão: veredas* voltava à baila com o lançamento de uma nova edição pela Companhia das Letras. Então, em maio, mês tão caro a Guimarães Rosa, nos engajamos, em parceria com o IEB, no Infinitamente maio. O grupo Teia de Aranha enfeitou o saguão do IEB com um painel bordado, realizamos duas Rodas de Leitura, participamos, sob a direção do professor Willi Bolle, de uma teatralização: Atores da violência, atores do diálogo, em que, na pele de personagens de *GSV*, interpretamos trechos da obra. Por meio de uma visita guiada ao Fundo Guimarães Rosa e de uma exposição o público pôde conhecer um pouco do processo criativo do autor. E fechamos com as narrações da Fernanda Rivitti e da Magna Martins, acompanhadas pelo músico Wagner Dias.



14 a 16 maio

IEB
Instituto de Estudos Brasileiros

infinitamente maio

14/05/2019 (terça-feira)

- 10h - Exposição Pontos de entremeio de Grande sertão: veredas
- 14h - Leitura dramática: atores da violência – atores do diálogo
- 16h - Oficina de Leitura Guimarães Rosa

15/05/2019 (quarta-feira)

- 10h30 – Visita guiada ao fundo Guimarães Rosa do IEB
- 14h – Oficina de Leitura Guimarães Rosa
- 17h – Apresentação do livro Grande Sertão: Veredas

16/05/2019 (quinta-feira)

- 13h30 às 17h - Lançamento: Grande Sertão: Veredas
- 14h – Mesa-redonda com especialistas e pesquisadores
- 16h30 – Narração literária





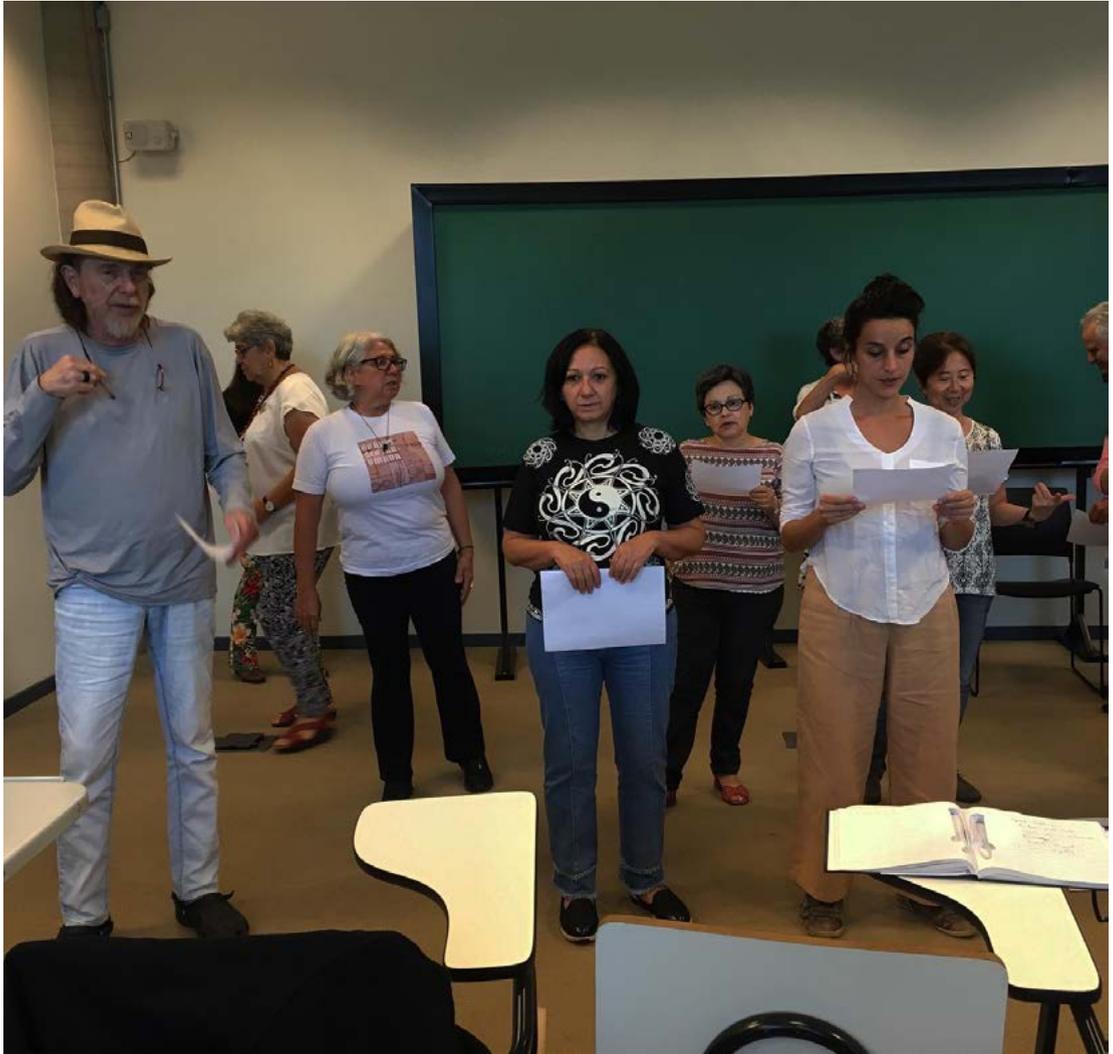
EXPOSIÇÃO PONTOS DE ENTREMEIO DE
GRANDE SERTÃO: VEREDAS

14 a 16 de maio de 2019
10h às 17h
Local: Instituto de Estudos
Brasileiros
Sala Marta Rossetti Batista

} Instituto de
[Estudos Brasileiros



Roda de Leitura no Infinitamente maio. Foto: Arquivo pessoal





Atores da violência, atores do diálogo. A Oficina de Leitura participando, sob a direção de Willi Bole, da teatralização de trechos de *Grande sertão: veredas*.

Fotos: Arquivo pessoal



Wagner Dias, Magna Martins e Fernanda Rivitti. Foto: Regina Pereira

Colégio São Domingos

Em 2019, professores do colégio São Domingos cometeram uma ousadia sem tamanho: foram com um grupo de alunos ao sertão conferir o real na obra vieram para nos apresentar o resultado deste mergulho. Neste dia, para uma plateia lotada, meninos e meninas de 15 anos, a mesma idade que eu tinha quando li *GSV* pela primeira vez, vieram dar conta de duas viagens, a da leitura do livro e a da viagem propriamente dita ao sertão real. Um senhor na plateia sintetizou bem o sentimento de todos: “Como esses meninos, que mal entraram na adolescência, conseguiram mergulhar tão fundo na obra e na geografia de Guimarães Rosa, e eu demorei a vida inteira pra chegar neste ponto?”



Os Miguilins do Colégio São Domingos, São Paulo. Foto: Linda Yazbek Rivitti

Ajudando a formar futuros leitores

A Roda de Leitura foi procurada pela professora Suzilane Gonçalves de Lima, de uma escola pública de Santana do Parnaíba, São Paulo, que desenvolvia um projeto com crianças de 5-6 anos aproximando o menino Joãzito, Riobaldo e Diadorim dos pequenos. Ela queria trazer a turminha para conhecer o arquivo do Rosa e a Roda. Ficamos muito alvoroçados, preparamos um piquenique e a nossa colega Helena fabricou um Joãzito para dar de presente a eles. A Bete do Arquivo se incumbiu de explicar para eles que o menino João era muito curioso e que tinha feito uma viagem com uma caderneta e um lápis pendurados no pescoço. E lógico que eles ganharam dela um conjunto de lápis e caderneta para pendurar no pescoço. Quem sabe dali não saia outro João?



Cenário na escola dos pequenos. Fotos: Suzilane Gonçalves de Lima



Suzilane e as crianças no campus da USP. Foto: Rosa Haruco



Lecy, do Caminhos do Sertão, narrando a estória de Miguilim. Foto: Regina Pereira



Bete Ribas, do Arquivo do IEB, entregando cadernetas inspiradas nas que Guimarães Rosa levava na viagem da Boiada. Foto: Linda Rivitti





Bete Ribas explicando para os pequenos como funciona o Arquivo.
Fotos: Regina Pereira



A Roda com a equipe do Arquivo do IEB, a professora Suzilane e as crianças.
Foto: Arquivo pessoal

Arquivo Mário Calábria

Em 2022, momentos de muita emoção, de muita fruição, na abertura das caixas do acervo do diplomata Mário Calábria, amigo de Guimarães Rosa. A Oficina de Leitura Guimarães Rosa, depois de dois anos de pandemia, a convite dos pesquisadores do Instituto de Estudos Brasileiros IEB-USP, voltou ao espaço físico da instituição que abriga os acervos de importantes intelectuais brasileiros. Há oito anos acompanhávamos a saga deste material, desde o primeiro telefonema dado pela filha de Calábria, a viagem de dois pesquisadores do IEB para a Alemanha, o bozinho que veio antes, a chegada das caixas, todos os trâmites burocráticos e todo o cuidado com a quarentena imposta a um material que vem de fora até que possa vir à luz para em seguida passar pelo processo de catalogação. São livros, cartas, álbuns, fichários. Uma tarde de muito aprendizado. Um rico material sobre o qual pesquisadores podem descobrir muitas surpresas. E assim os trabalhadores da cultura seguem, com fé em seu ofício, a despeito de tudo. E nós, da Oficina de Leitura, nos sentimos honrados pela consideração do convite e pela deferência de ser o único grupo de fora presente neste momento.





A Roda de Leitura se deleitando com as surpresas do arquivo.
Foto: Arquivo pessoal



Explorando o rico acervo de Mário Calábria. Foto: Regina Pereira

Grande Minhocão: veredas

Das loucuras mais gostosas que a Oficina de Leitura foi capaz, a caminhada Grande Minhocão: veredas talvez seja a mais original. O nosso parceiro Gil Veloso, autor de *Um viaduto chamado Minhocão*, nos propôs uma caminhada pela “dura poesia concreta” de Sampa. Um sarau lítero-musical ambulante na data de encantamento de Guimarães Rosa, 19 de novembro. Acrescentamos ao evento a distribuição de rosas de crepom com frases da obra. O esquentão é na Praça Roosevelt, numa feliz coincidência geográfica: a confluência da rua da Consolação com a rua Guimarães Rosa. Ocupamos as asperezas da cidade dando “beleza a quem tem fome de beleza”, levando a palavra de Rosa a quem possa interessar. Nem sempre somos entendidos, há os que recusam por desconfiar de tamanha gentileza. Há os que nos confundem com pregadores de alguma igreja. O que não deixa de ser verdade. Somos da Igrejinha de Rosa. Mas no geral é uma alegriolança, uma troca de olhares cúmplices. É a Roda distribuindo pílulas da obra de Rosa, tentando fisgar um possível leitor. No Festival Janelas Roseanas, há uma interessante conversa entre Gil Veloso, Fábio Barbosa, do Caminhos do sertão, e Almir Paraka, da caminhada De Sagarana ao Parque Grande Sertão¹.

¹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=a6FoA0Sb60c&t=796s> Acesso em: 10/4/2023.

*O real não está na saída e nem na chegada:
ele se dispõe para a gente
é no meio da travessia.*

J. G. Rosa

50 Anos de Encantamento

Caminhada pelo Minhocão: uma travessia cheia de Rosa.

A Oficina de Leitura João Guimarães Rosa convida:
Venha participar com música, poesia, narração de histórias e
informações sobre arquitetura e cultura nas veredas do Elevado.

domingo, 19/11, 8h30.
concentração: rua Guimarães Rosa, esquina com Av. da Consolação, pç Roosevelt.

Organização:
gil.veloso@hotmail.com
Rosa Haruco Tane - 993518760 (whatsapp)



Grande Minhocão: Veredas

**Venha para o Sarau Ambulante pelo Elevado.
Traga músicas, histórias, poesias...**

Domingo, 8 de dezembro

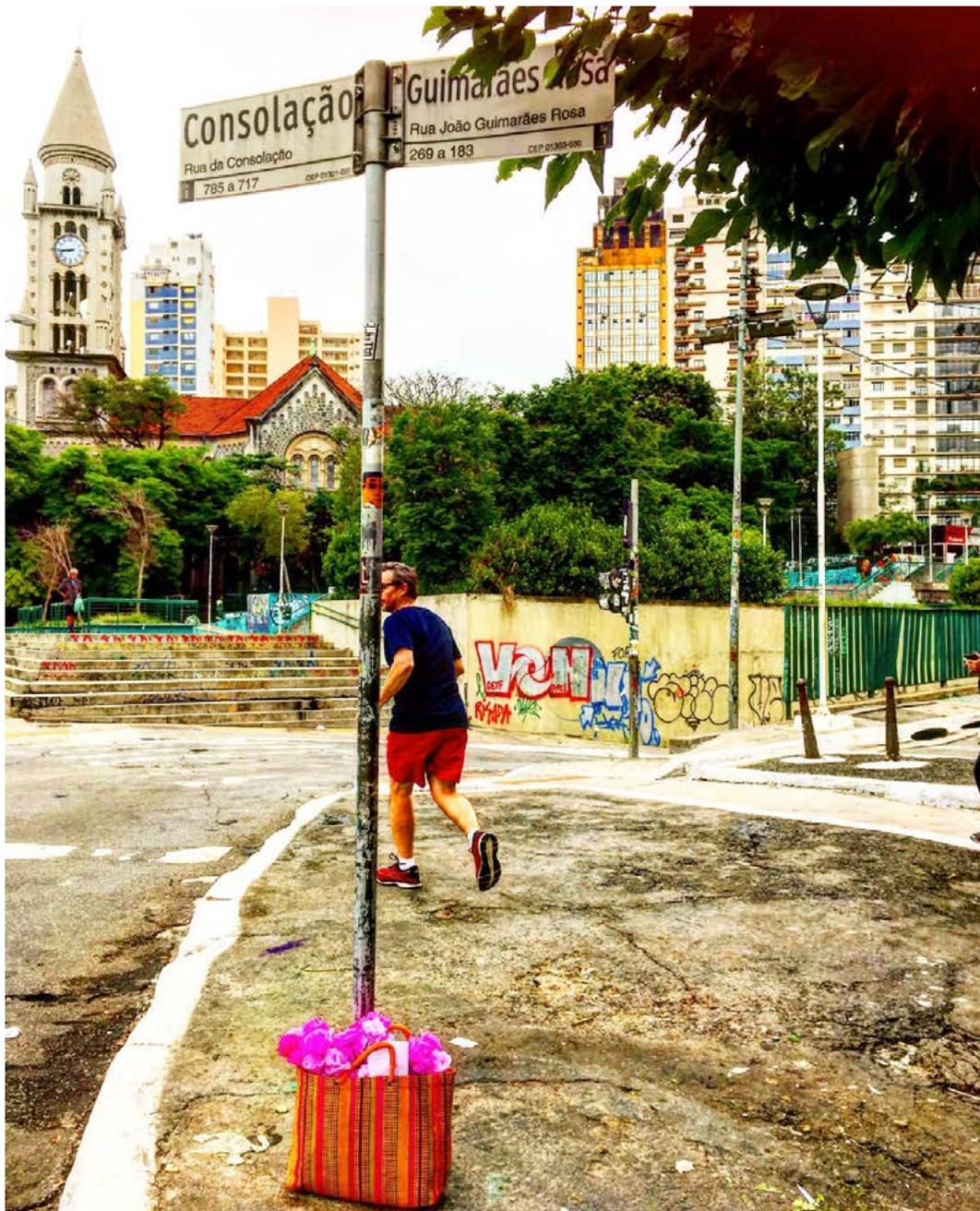
Concentração: às 9h Rua Guimarães Rosa, esquina com a
Rua da Consolação, Praça Roosevelt.

Saída: às 9h30 acesso ao lado da Praça Roosevelt.

Destino: Largo Padre Péricles - chegada prevista para às 12h.

Organização: Oficina de Leitura Guimarães Rosa (IEB-USP)
Gil Veloso: gil.veloso@hotmail.com





A paulistana Consolação no cruzamento com a rua Guimarães Rosa.
Foto: Regina Pereira



“Narrar é resistir”. Foto: Regina Pereira





Turma reunida no “esquenta”. Fotos: Arquivo pessoal



Marielle também presente. Foto: Esdras Martins/Mochila Press



Turma reunida no “esquentá”. Fotos: Arquivo pessoal



Gil Veloso e um morador de rua que se incorporou ao grupo.
Foto: Regina Pereira



“No meio do caminho tinha um Minhocão.” Foto: Regina Pereira



Que frase da obra de Rosa terá provocado este sorriso? Foto: Regina Pereira



“Vocês são Otacília ou Diadorim?”, nos inquiria ele. Foto: Arquivo pessoal



Linda convertendo mais um caminhante. Foto: Regina Pereira



O sertão invadindo a praia dos paulistanos. Foto: Arquivo pessoal



Momento sarau lítero-musical. Foto: Arquivo pessoal





A Oficina de Leitura em alegre confraria, narrando, resistindo, dando “beleza a quem tem fome de beleza”. Foto: Arquivo pessoal



Veredeiros na vereda de Matrix. Foto: Arquivo pessoal





“Dar beleza a quem tem fome de beleza também é um dever cristão” nos ensinava Guimarães Rosa. Fotos: Esdras Martins/Mochila Press

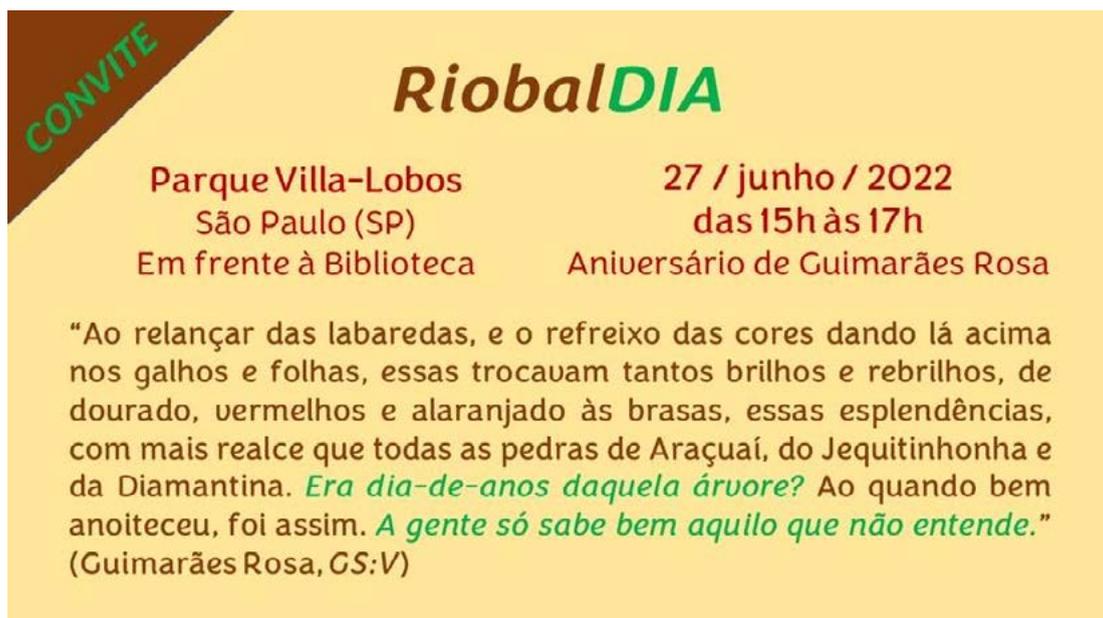




Precisa de legenda? Fotos: Esdras Martins/Mochila Press

RiobalDIA

Passada a fase mais aguda da pandemia, em 2022 resolvemos agitar uma ideia antiga: instituir um dia especialmente para comemorar a data de aniversário de Guimarães Rosa, 27 de junho. Diferentemente das comemorações anteriores, esta pretende marcar uma nova era nesta efeméride tão cara a nós, roseanos. Afinal, em 27 de junho de 1908, em Cordisburgo, “um menino nasceu, o mundo tornou a começar”.



CONVITE

RiobalDIA

Parque Villa-Lobos
São Paulo (SP)
Em frente à Biblioteca

27 / junho / 2022
das 15h às 17h
Aniversário de Guimarães Rosa

“Ao relançar das labaredas, e o refreixo das cores dando lá acima nos galhos e folhas, essas trocavam tantos brilhos e rebrilhos, de dourado, vermelhos e alaranjado às brasas, essas esplendências, com mais realce que todas as pedras de Araçuaí, do Jequitinhonha e da Diamantina. *Era dia-de-anos daquela árvore?* Ao quando bem anoiteceu, foi assim. *A gente só sabe bem aquilo que não entende.*”
(Guimarães Rosa, GS:V)





Ocupando o deck da Biblioteca do Parque Villa-Lobos no evento RiobalDIA.
Foto: Regina Pereira

Oficina de Leitura e Maratona Guimarães Rosa no Villa-Lobos

A notícia de um bando de loucos reunido no deck da Biblioteca do Parque Villa-Lobos numa segunda-feira em que a biblioteca estava fechada chegou aos ouvidos do pessoal da SP-Leituras, que nos convidou para realizar uma Roda de Leitura num sábado de novembro de 2022, dia em que o parque está lotado. A Oficina de Leitura Guimarães Rosa cumpriu o seu compromisso e colocou todo mundo para rosear. Atravessamos “As margens da alegria” e fomos atravessados por ela. Uma leitura produtiva, reflexiva, mas sobretudo poética. Ao ocupar os espaços de cultura nos enchemos de esperança de dias melhores. Narramos e resistimos! “Era, outra vez em quando, a Alegria.”



Participantes e organizadoras da Roda na Biblioteca do Villa-Lobos.

Foto: Regina Pereira

Maratona Guimarães Rosa

Em janeiro de 2023, estivemos de volta à biblioteca do Parque Villa-Lobos desta vez para a Maratona Guimarães Rosa. Um dia inteiro lendo, debatendo, narrando, cantando e dançando Guimarães Rosa. Só paramos para, em volta de uma mesa, saborear delícias do sertão e dançar jongo com a incansável Tia Anna. E fechamos a roda com uma ciranda no deck, lá onde começamos a “invasão” da biblioteca com o RiobalDIA.



BIBLIOTECA PARQUE VILLA-LOBOS

Uma experiência diferente em biblioteca

Atividade
presencial

Maratona Guimarães Rosa

Com Regina Pereira,
Rosa Haruco, Cecilia
Marks e Linda Yazbek.

Sábado, 21 de janeiro,
das 10h às 17h (1h de almoço)



REGINA PEREIRA





Em Roda, mais uma vez conjugando o verbo rosear. Fotos: Regina Pereira

No Museu Casa Guimarães Rosa

Uma vez por ano nos reunimos para realizar uma roda pra lá de especial, a da Semana Rosiana de Cordisburgo. Nos jardins da casa que João Rosa nos deixou de herança, onde ele brincou com Juca Bananeira de fazer pontes para formiguinhas e arapucas para pegar e logo em seguida soltar sabiás, onde ele foi o míope Miguilim, lemos a sua obra, encontramos e reencontramos leitores apaixonados de todo o Brasil. Lemos Rosa com vários sotaques. Nos sentimos acolhidos. Dois anos seguidos fomos em excursão a Lagoa Bonita, distrito de Cordisburgo, levados por Ronaldo Alves, diretor do Museu, para acompanhar a restauração da igreja de Santo Antônio, de 1882, onde Linda e eu narramos trechos da obra.



Alguns integrantes da Roda de Leitura em Lagoa Bonita. Foto: Ronaldo Alves



Com o saudoso professor Carlos Augusto numa Semana Rosiana.

Foto: Arquivo pessoal



Devotos de toda natureza na Caminhada literária. Foto: Regina Pereira



Roda de Leitura na Escola Mestre Candinho. Foto: Arquivo pessoal



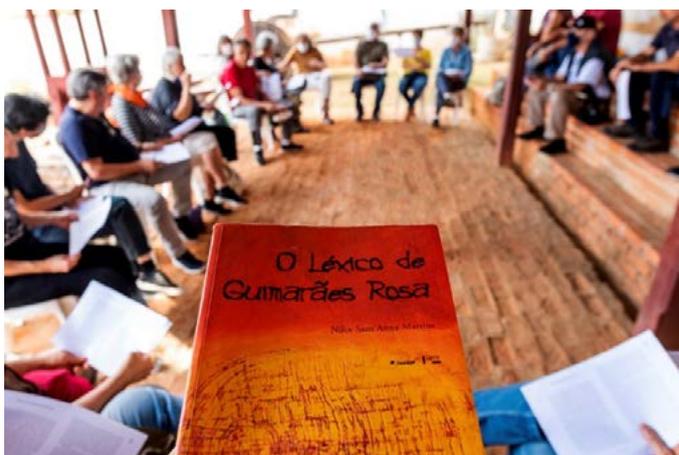
Em 2022, Devotos brindando a volta à Cordisburgo. Foto: Arquivo pessoal



Uma Roda de Leitura no quintal do Museu. Foto: Ronaldo Alves

O novo normal

Em 2022, depois de dois anos lendo no Museu, só que virtualmente, voltar a ler no Museu físico foi emocionante porque alguns integrantes da Roda online, que só se conheciam “do pescoço pra cima”, como diz Mônica Meyer, puderam finalmente se ver de corpo inteiro e se abraçar, verificando que todos existiam, “de se pegar”. E não por acaso lemos “Um moço muito branco”, de *Primeiras estórias*, que fala de afeto.





Fotos: Ronaldo Alves

Semana Rosiana 2023

Em 2023 a Oficina de Leitura Guimarães Rosa teve a alegria e o privilégio de comemorar os 20 anos em Cordisburgo lendo em roda no quintal do Museu Casa Guimarães Rosa. Como se pode ver pelas fotos, muitos integrantes da Roda de vários cantos do país, vestindo a camiseta comemorativa, estavam presentes. A cada ano que passa ler neste solo sagrado se torna mais potente.





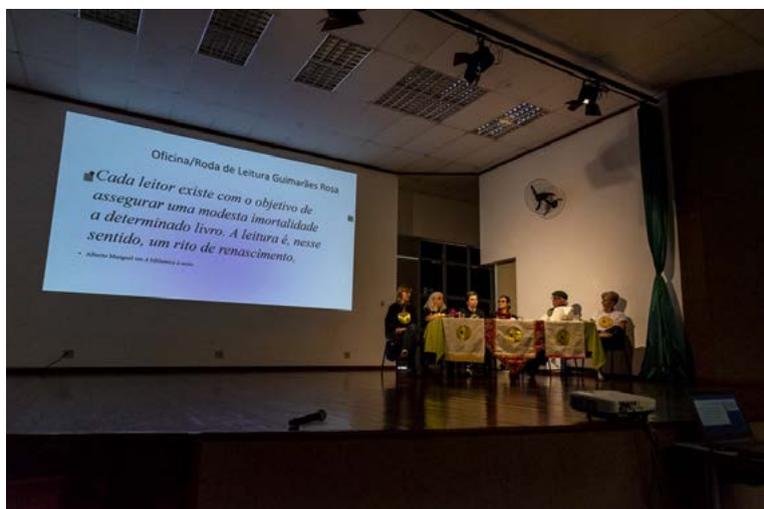




Fotos: Ronaldo Alves

Mesa-redonda na Semana Rosiana

A Oficina de Leitura Guimarães Rosa também marcou presença na mesa-redonda que rebobinou o filme dessa história de realizações e desafios. Dieter Heidemann e Beth Ziane, precursores, puxaram o fio dessa meada, e os integrantes que continuam a tocar esse barco colaram mais algumas figurinhas deste belo álbum, que ficará completo com os livros I e III do pós-doc da nossa colega Elni Elisa Willms.







Fotos: Ronaldo Alves

Roda na sala do IEB e em outras veredas

Às quartas-feiras, até o advento da pandemia, eram dias especiais. Antes de entrar em sala para ler em roda, fazíamos uma parada para um cafezinho na lanchonete do IEB. Os adoradores do pôr do sol, como eu, chegavam ainda mais cedo para assistir “a tarde dizer adeus”. O arrebol visto da USP é um dos mais belos de São Paulo, bom para conferir a frase roseana “o sol não é os raios dele, é o fogo da bola”. A sinergia na sala de aula era incrível. Líamos, discutíamos, comemorávamos aniversários, recebíamos convidados. Das 18 às 20 horas, enquanto a metrópole se entupia de trânsito, vivíamos “horinhas de descuido”, e de quando em quando ainda esticávamos a prosa admirando a lua cheia que iluminava o campus.



O nascente e o poente da obra de Rosa entremeados de flores de mulungu.
Foto: Regina Pereira



Passarim no arrebol, “quando a tarde quer dizer adeus”. Foto: Regina Pereira















Vários momentos da Roda na sala do IEB. Fotos: Arquivo pessoal

A Roda na lanchonete do IEB. O que tem neste chá?

Em 2016, as salas do IEB novo precisaram passar por uma reforma. Para a nossa Roda não parar de funcionar, a solução foi estender o momento do cafezinho e realizar a leitura ali mesmo na lanchonete. Naquele momento líamos “A volta do marido pródigo”, de *Sagarana*, e ríamos tanto, tanto, que os outros frequentadores da lanchonete não entendiam o que podia ter naquele chá que tomávamos. Até que um dia vieram me perguntar e eu respondi: “No chá tem Guimarães Rosa”.









Roda de Leitura na lanchonete do IEB em 2016. Fotos: Arquivo pessoal

Atravessando os nossos Lisos do Sussuarão

Revendo as fotos das salas cheias, é preciso lembrar e contar que nem sempre foi assim. A Roda quase acabou duas vezes, também teve os seus Lisos do Sussuarão para atravessar. Às vezes éramos três ou quatro numa salinha já do IEB novo, no prédio da Brasileira. Teve um dia extremo em que só estavam Rosa e Linda. Começamos a achar que a mudança para um prédio tão suntuoso não tinha trazido boa sorte. Cadê aquele grupo que chegou a ter 60 pessoas no IEB antigo? Minguara, tal como o riachinho de uma “Estória de amor”? Sim, mas ainda não dera o último suspiro. Acho que o Rosa deu um jeitinho nisso, e o *Jornal da USP* nos procurou em 2018 para divulgar o trabalho da Oficina. E no começo do ano letivo de 2019 voltamos a ser tema de destaque para falar sobre as nossas atividades¹.

Deu tão certo que na primeira Roda do ano de 2018 se achegaram umas 60 pessoas, novos rostos. Nós, do núcleo duro, recebemos todos com muita animação e esperança de dias melhores. Claro que o grupo não se manteria tão numeroso naquele ano pois, passado o entusiasmo inicial, muita gente desistiu por vários motivos: o horário nem sempre propício, a hora do rush, as chuvas torrenciais do verão. Mas essa nova onda trouxe sangue-novo para Roda, estudantes que aproveitavam que já estavam no campus. Renata Ribeiro foi uma dessas grandes aquisições. Estudante de História mergulhou de cabeça na obra e no sertão. E nesses anos todos tem sido esteio no suporte da parte técnica tanto da Roda online quanto em inúmeros eventos. Era bonito ver a Roda renascendo, o riachinho voltando à vida, grogolando. Era bonito ver o rosto das pessoas se iluminando a cada depoimento. Cecília Marks, que hoje ocupa posição de alta importância na Roda, autora de tese sobre o Rosa, veio, entre outros altos motivos, por saudade da USP. Cintia, que sonhava em ter uma filha chamada Diadorim. Luciana, que sempre adiou a leitura de Rosa, achando que tinha chegado a hora. Maria Lucia para reouvir a voz da avó que falava no dialeto de Rosa. E muitos que tentaram ler sozinhos, mas nunca conseguiram. Outros, como a arquiteta e cenógrafa Marília Silveira, também peça importante em outro momento crucial da Roda, vieram

¹ Link para a matéria de 2019 Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/grupo-de-leitura-convida-o-publico-para-desvendar-guimaraes-rosa/> Acesso em: 10/4/2023.

para resgatar uma ancestralidade mineira herdada de pais e avós. E houve uma, que me escapa o nome, que batizara um barco de Diadorim.

Em 2018 a sugestão era ler *Grande sertão*, o grande desafio para a maioria. No ano seguinte, sem ter lido o livro todo, com a chegada de novos elementos, a pedidos insistentes, voltamos ao início de *Grande sertão*. Uma cena emblemática nesta retomada: um dia uma participante trouxe a mãe, era bem na leitura do trecho da Guararavacã do Guaicuí. Na hora dos comentários essa mãe fez questão de se levantar para dizer: “Nossa, nunca consegui ler este livro, acho que porque nunca tinha entrado nele pela porta certa, essa da Poesia que ele traz, agora que achei a porta vou adentrar com tudo”. Cada retorno desses dá uma alegria insana, a de ver que esse trabalho de formiguinha rende. De pensar, sem quantificações exatas, quantos leitores a Roda terá formado?

Uma joia rara



A menina da foto é a Renata. Neste momento, 2019, ela tinha 20 e poucos anos e cursava História. Ela se incorporou à Roda em 2018 e ocupa um papel muito importante. De lá para cá já foi algumas vezes para o sertão: a primeira para Morro da Garça. A segunda quando percorreu com um grupo de 70 pessoas, a pé, 180 km do distrito de Sagarana até a Chapada Gaúcha, onde fica o Parque Grande Sertão. Depois voltou algumas vezes, firmando um pacto com o sertão. Na volta de uma dessas viagens a encontrei no curso Inéditos e inacabados do Rosa, no IEB. Ela tinha um brilho no olhar que me deixou muito feliz. Por essas e por outras que sinto uma paz na alma e que vale a pena este trabalho que realizamos. Encontrar essas joias raras, que carregam com gosto o estandarte da literatura, não tem preço.



Grupo da Roda na Livraria do prédio da Brasiliiana.
Foto: Marcos Santos/USP Imagens

Na pandemia, uma nova configuração

A segunda vez que a Roda quase acabou foi na pandemia. Em março de 2020, mal tínhamos voltado, cheio de planos, nos reunimos no jardim da Brasileira para fazer as fotos de divulgação do ano que recomeçava¹.

Mas depois de não mais que dois encontros presenciais, o derradeiro com o professor Zilly lendo em alemão, apresentando trechos da sua tradução de *GSV*, estávamos todos atônitos, trancados em casa, reféns de um vírus. Mas a Roda precisava continuar a girar. Neste momento entra em cena uma daquelas pessoas que acorreram à Roda na sua grande retomada: a Marília Silveira, que colocou à nossa disposição a plataforma de encontros virtuais Meet que o marido dela, o Mauricio, tinha. Curiosamente fomos, nestes inícios virtuais, um “puxadinho” da Marcenaria Montel, e olha a coincidência, uma oficina. Ela nos orientou como proceder e em pouco tempo estávamos reunidos de novo. A notícia da existência da Roda virtual logo se espalhou e veio chegando gente do Brasil inteiro, e de novo ganhamos novas proporções, a ponto de o IEB, algum tempo depois, nos conferir um e-mail com sobrenome USP e disponibilizar a plataforma Meet com mais capacidade, já que agora éramos muitos e plurais. Em 2020, a convite do IEB, produzimos dezenas de podcasts sobre a obra do Rosa. Pautar, editar, gravar estes podcasts me salvou de uma depressão em curso. Ainda para o IEB, colocamos no ar A Semana Rosiana Corpo de baile em 2021 e o iebinário Infinitamente maio: A boiada – 70 anos em 2022. Em março de 2020, resolvido o nosso problema, indagamos ao Ronaldo Alves, diretor do Museu Casa Guimarães Rosa, se eles já tinham pensado em fazer a Semana Rosiana virtual. Não tinham. E com muito orgulho podemos afirmar que colaboramos para que a Semana Rosiana de Cordisburgo não interrompesse o seu curso. Passamos então a integrar a equipe que colocaria no ar, durante dois anos, 2020 e 2021, a Semana Rosiana. Fizemos uma parceria com outra Roda de Leitura, a da UFMG, e estivemos presentes nestas edições lendo Rosa em voz alta para mais de 10 mil pessoas, o público que essas edições alcançou.

¹Link da matéria disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/oficina-de-leitura-joao-guimaraes-rosa-promove-o-legado-do-autor/> Acesso em: 10/4/2023.

SEMANA

Rosiana

Guimarães Rosa Matungo
Urubudista Nonada Desquis
Auroque Gangolô Sibililando
Enfaroço Iauaretê Alarir
Guiratingir Sufruir Matungo
Ave, Palavra Velhavam
Acoito Iauaretê ^{Uauaca Inho} Musgoengo
Desendoidecer Desrir
Endomingado Aeiouar
Chofre **Cordisburgo**
Arremiar
Pirimlampadário **MG**

De 12
a 17
Julho
2021

33^a

CONFIRA NOSSA PROGRAMAÇÃO!

Nós não imaginávamos no que a Roda se tornaria neste novo formato. Acorreram gentes do Brasil todo e até do exterior que, vendo a possibilidade de se juntar a nós, constituiu um só corpo de baile. Ganhamos em pluralidade de sotaques, em diversidade de olhares. Terminamos *Grande sertão*, lemos *Corpo de baile* como um livro só, e voltamos aos inícios, a *Sagarana*. Leituras entremeadas por palestras introdutórias de cada obra, conversas estendidas semana afora pelas conversas no WhatsApp. Arrematamos os semestres com saraus em que os participantes apresentam a sua produção derivada da leitura.

Por mais paradoxal que seja, a Oficina de Leitura, durante a pandemia, teve uma produção excepcional, que a credenciaria a formatar novos eventos para comemorar com muito orgulho o seu aniversário de 20 anos.





Integrantes da Oficina de Leitura em fevereiro de 2020 em fotos para matéria do *Jornal da USP*. Pouco tempo depois o campus seria fechado.

Fotos: Cecilia Bastos/USP Imagens

Semana Corpo de baile

2020 foi um ano de intensa produção virtual da Oficina de Leitura. A Semana Roseana Corpo de baile manteve mobilizada a mesma equipe que já produzira inúmeros podcasts para o site do IEB e tinha se engajado na Semana Rosiana de Cordisburgo.

Em parceria com o IEB colocamos no ar uma intensa programação composta de mesa-redonda, visita virtual ao arquivo do IEB, sarau, narração. E uma roda de leitura com a Roda da UFMG. Com este evento carimbávamos o nosso passaporte para uma viagem maior que nos aguardava nesta longa estrada: o Janelas roseanas.

<https://www.youtube.com/watch?v=Zm9lPnbltj0>



SEMANA ROSEANA CORPO DE BAILE
IEB/USP
e Oficina de Leitura
Guimarães Rosa

De 28/9 a 2/10/2020

Instituto de Estudos Brasileiros

OFICINA DE LEITURA

28/09

Das 15h às 17h
Abertura
IEBnário Puras Misturas
Diana Vidal
Rosa Haruco Tane
Sandra Vasconcelos

Das 18h às 18h30
Live
Com Dôra Guimarães
Mediação: Sílvia Pinheiro

Durante a Semana Roseana
Vídeos diários às 10h
No canal do YouTube da Oficina de Leitura Guimarães Rosa
Podcasts diários às 14h
<http://www.ieb.usp.br/podcast/>

29/09

Das 18h às 20h
Mesa-redonda
Narração, Canção e Poesia como elementos de transformação em Corpo de Baile
Apresentação: Linda Yazbek Rivitti
Convidados:
Ana Lúcia Magela,
Fabrício Cesar Aguiar,
Valéria de Carvalho
Mediação: Cecília Marks

30/09

Das 18h às 20h
Roda de Leitura
Uma estória de amor

Com participação especial de:
Clube do Livro do Espaço do Conhecimento da UFMG
Coordenação: Profa. Cláudia Soares

Roda de Leitura de Andrequicé
Coordenação: Bárbara Melgaço

01/10

Das 15h às 17h
IEBnário
Apresentação do Arquivo e Biblioteca de João Guimarães Rosa
Linda Yazbek Rivitti,
Denise Almeida Silva,
Daniela Piantola

Das 18h às 18h30
Live
Com Elisa Almeida
Mediação: Alfredina Nery

02/10

Das 16h30 às 17h
Live
Com Ronaldo Alves
Mediação: Elni Elisa Willms

Das 18h às 20h00
Sarau
Coordenação: Paula Felice e Regina Pereira

FICHA TÉCNICA
IEB/USP
Diretoria: Diana Vidal
Divisão de Apoio e Divulgação:
Pedro Bolle

Oficina de Leitura
Guimarães Rosa
Coordenação:
Linda Yazbek Rivitti
Regina Pereira
Rosa Haruco Tane
Equipe técnica:
Gabriella Radoll
Marilyn Silveira
Paula Felice
Renata Ribeiro
Edição de áudio:
Iwan Silva

Arte: Gabriella Radoll e Marilyn Silveira
@gabriellaradoll @marilimontel

Sertão Mundo

Os laços da Oficina com a UFMG vão se estreitando e logo somos convidados a participar da belíssima exposição virtual Sertão Mundo. Estamos lá, na seção Outro sertão, filial do sertão no sertão de São Paulo.

<http://exposicaosertaomundo.com.br.s159832.gridserver.com/>

Infinitamente maio: A boiada – 70 anos

Em 2022, também em parceria com o IEB, realizamos o evento Infinitamente maio: A boiada – 70 anos, com palestras enfocando a importância do estudo das anotações da viagem para compreender principalmente *GSV* e *CB*. Anotações cruciais pra quem faz crítica genética. Eventos que só engrossavam o caldo. E abriam a porta para mais duas edições do seminário Canto, encanto e leveza, na USP de Ribeirão Preto.

<https://www.youtube.com/watch?v=O-XOchMjh3A>

Janelas roseanas

Em outubro de 2020, com a satisfação do dever cumprido, depois da Semana Roseana Corpo de baile, em parceria com o IEB-USP, parecia que viria uma calmaria. Não deu tempo: Élide Marques, multiartista e companheira desta longa estrada, nos provoca a inscrever um projeto num edital de emergência, o PROAC-LAB, e Marília Silveira coloca gasolina na fogueira nos animando e assumindo o difícil papel de proponente. Provocação aceita, nos inspiramos no momento que estávamos vivendo, o das janelas da pandemia. Tínhamos uma proposta, muito trabalho e um tempo exíguo para dar conta do projeto. Definido o recorte, as sete janelas, mais a Bitaca, um bazar virtual com produtos do sertão, distribuídas as tarefas, nos transformamos em curadoras, produtoras, diretoras. O que algumas não sabiam acabaram descobrindo: “O sertão é uma espera enorme”, sobre o descompasso entre o nosso acelerado tempo paulistano e o tempo mais lento do sertão, de onde esperávamos respostas rápidas. Nos ensaios e nas reuniões aparamos arestas, refizemos roteiros, alteramos rotas. A preocupação com a qualidade da internet nos locais mais longínquos nos fez optar por gravar todo o conteúdo antecipadamente. O zap apitava o dia inteiro: trocávamos aflições, dúvidas, dividíamos conquistas. Quando você abraça um projeto deste porte, dorme, acorda e, muitas vezes, até sonha com ele. Orgulho demais desse dever muito bem cumprido, desse produto muito bem-acabado, em que embarcamos numa canoa que levou à terceira margem da criação, com trabalhos inspirados na obra roseana. É preciso esclarecer, porém, que o Festival Janelas roseanas¹, apesar de ter nascido a partir da reunião de algumas integrantes, não é uma realização da Oficina de Leitura enquanto atividade ligada ao IEB-USP, mas é muito tributário do conhecimento acumulado por nós nas realizações anteriores da Oficina.

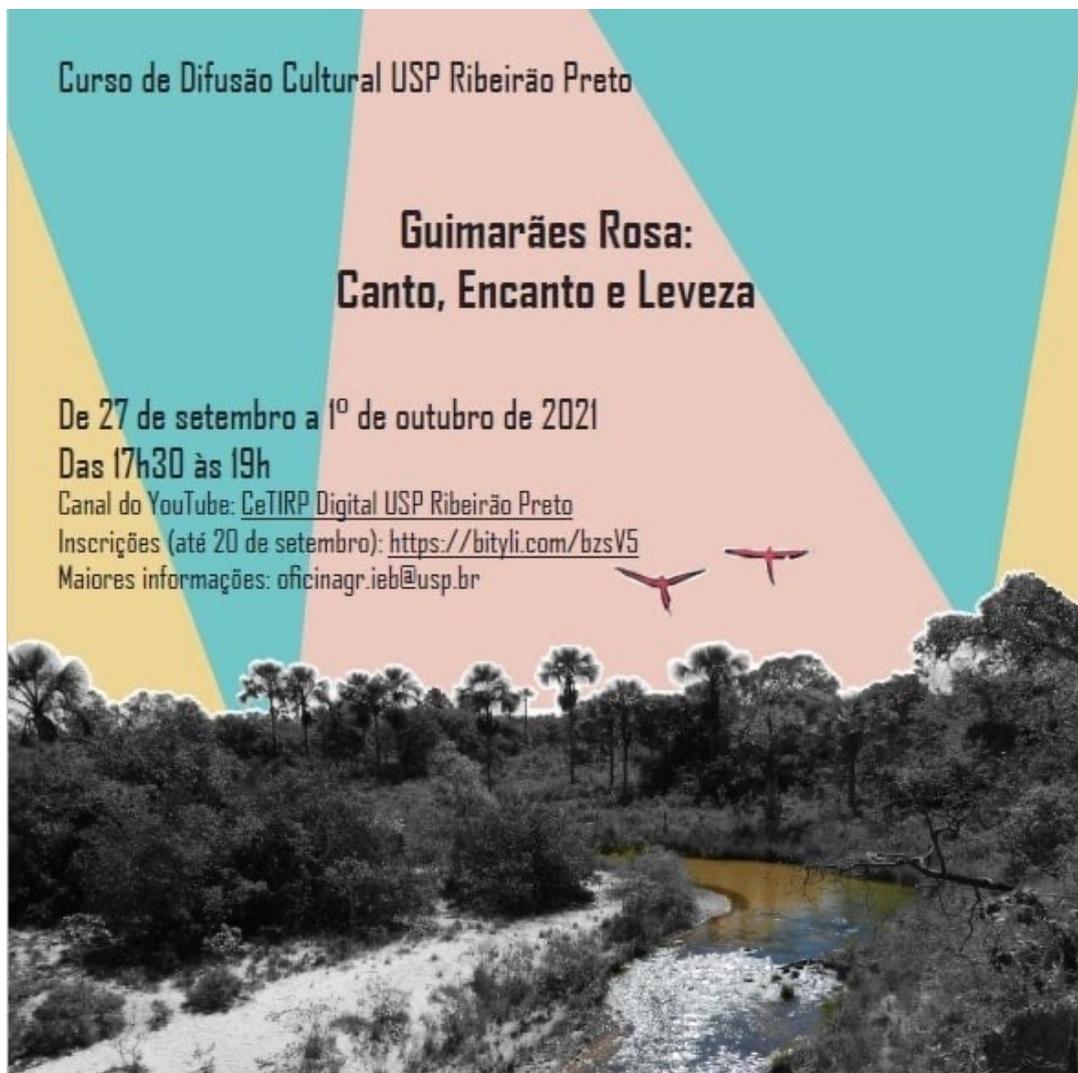
¹ Disponível no YouTube: www.youtube.com/janelasroseanas Acesso em: 10/4/2023.



Canto, encanto e leveza

A Roda enquanto Oficina realizou, em setembro de 2021 e inícios de 2023¹, duas edições do seminário Canto, encanto e leveza em parceria com a USP de Ribeirão Preto, sob a coordenação do professor Sergio Emanuel Galembeck e com a participação dos nossos amigos e parceiros do sertão com o objetivo de levar a literatura de Rosa para quem desconhecia totalmente o autor. E foi muito bem-sucedida nesta empreitada. O retorno do público foi alentador. E a segunda edição alcançou milhares de visualizações até agora, com a participação de pessoas do Brasil inteiro e até de outros países. Foram duas edições feitas com trabalho voluntário de uma grande equipe. Neste momento, estamos definindo que rumos tomar, já que não é possível mais colocar de pé um projeto deste tamanho e alcance só com mão de obra voluntária. Estamos num ponto em que a Roda enquanto Oficina alcançou a maioria como produtora de conteúdo, mas esbarra na dificuldade de conseguir patrocínio para tais empreitadas.

¹ Divulgação do evento disponível em https://uspdigital.usp.br/apolo/apoObterCurso?cod_curso=590400204&cod_edicao=22001&numseqofeedi=1. Os vídeos estão disponíveis no canal do YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=8L6PCPhNw5Y> Acesso em: 10/4/2023.



Curso de Difusão Cultural USP Ribeirão Preto

**Guimarães Rosa:
Canto, Encanto e Leveza**

De 27 de setembro a 1º de outubro de 2021
Das 17h30 às 19h

Canal do YouTube: [CeTIRP Digital USP Ribeirão Preto](#)
Inscrições (até 20 de setembro): <https://bitly.com/bzsV5>
Maiores informações: oficinagr.ieb@usp.br

**Guimarães Rosa:
Canto, Encanto e Leveza
Fogo, Água, Ar, Terra e Travessia no
sertão rosiano**

De 23 a 27 de janeiro de 2023

Das 17h às 18h30

Canal do YouTube: [CeTIRP Digital USP Ribeirão Preto](#)

Informações: [Portal de Serviços - USP](#)



Imagens da distopia





Estas imagens estranhas, feitas no começo da pandemia, durante uma Roda de Leitura online, são emblemáticas do isolamento. Fotos: Regina Pereira

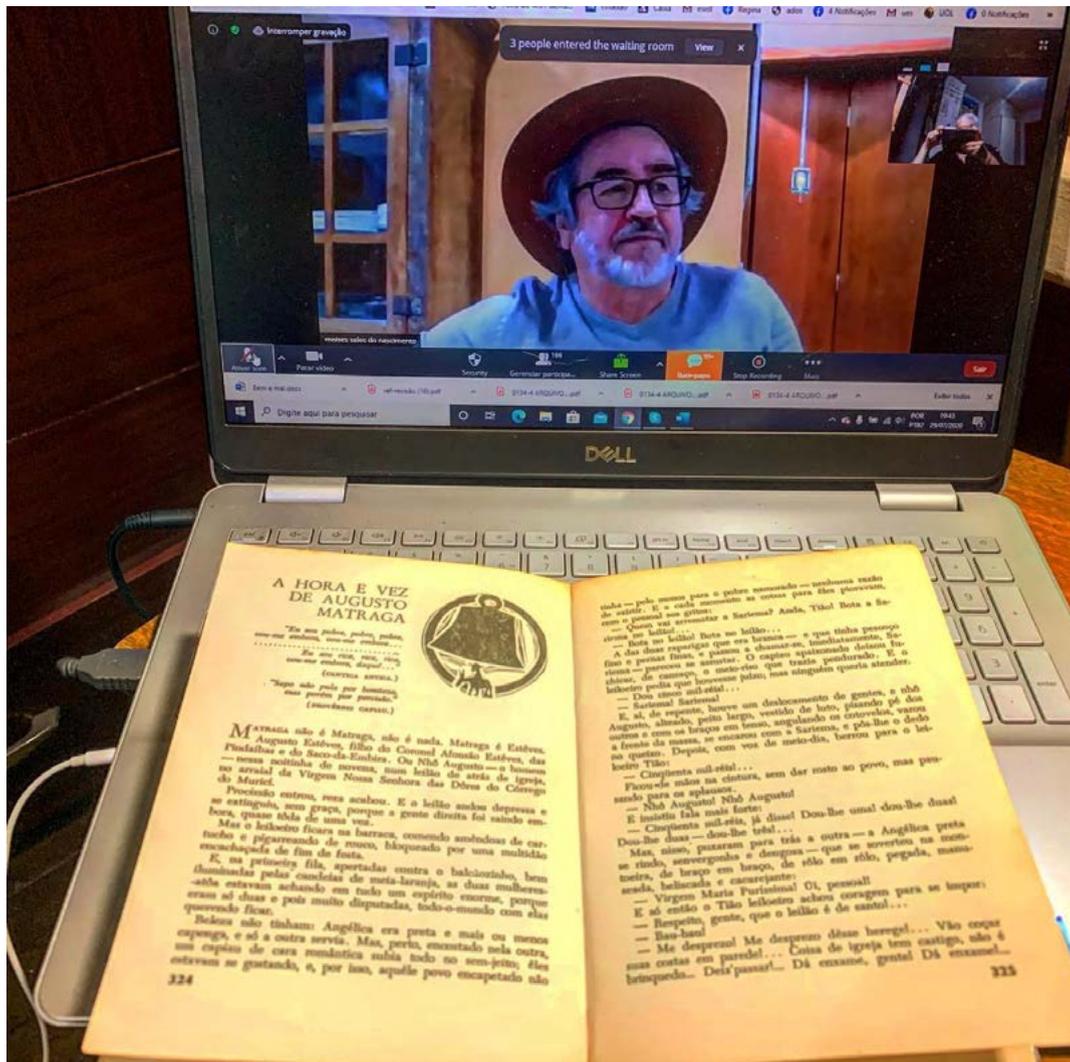


Lendo “Campo geral” com Manuelzão, Joãozito e a família do Miguilim.

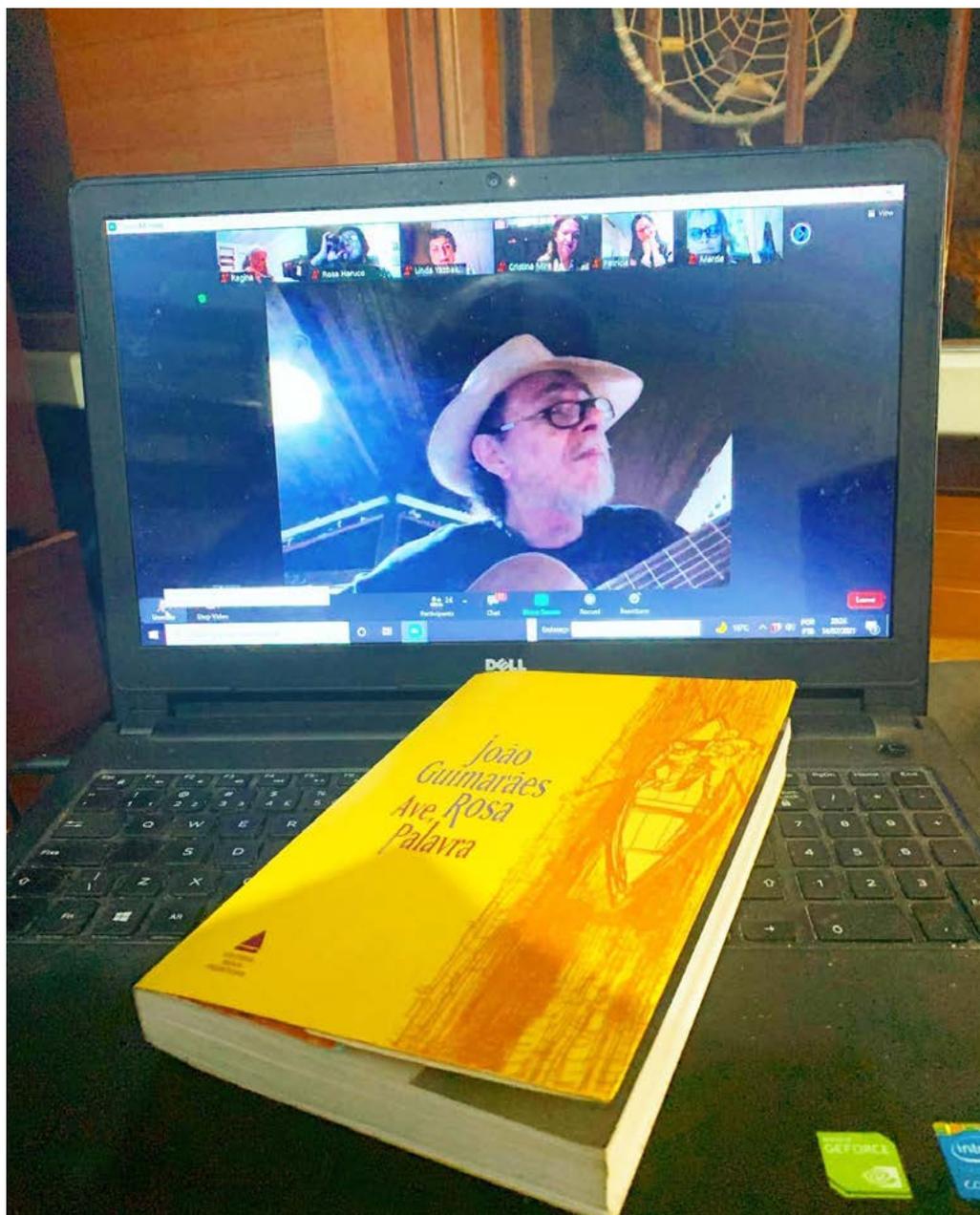
Foto: Regina Pereira



Professor Berthold Zilly, da sua casa na Alemanha, nos tardes da noite, participando da Roda online. Foto: Regina Pereira



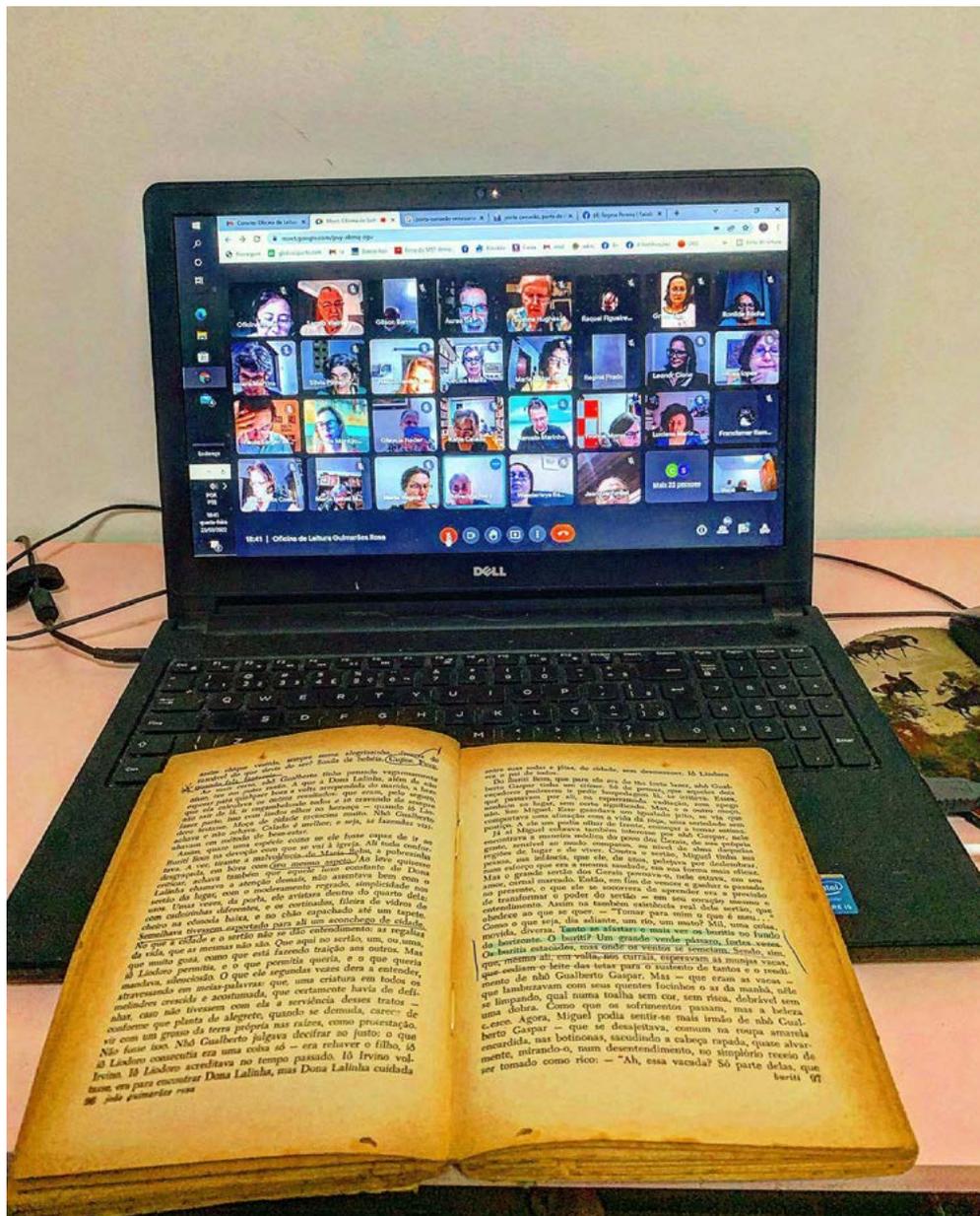
Moisés Sales conduzindo o primeiro sarau online. Foto: Regina Pereira



Jean Garfunkel, o nosso trovador. Foto: Regina Pereira

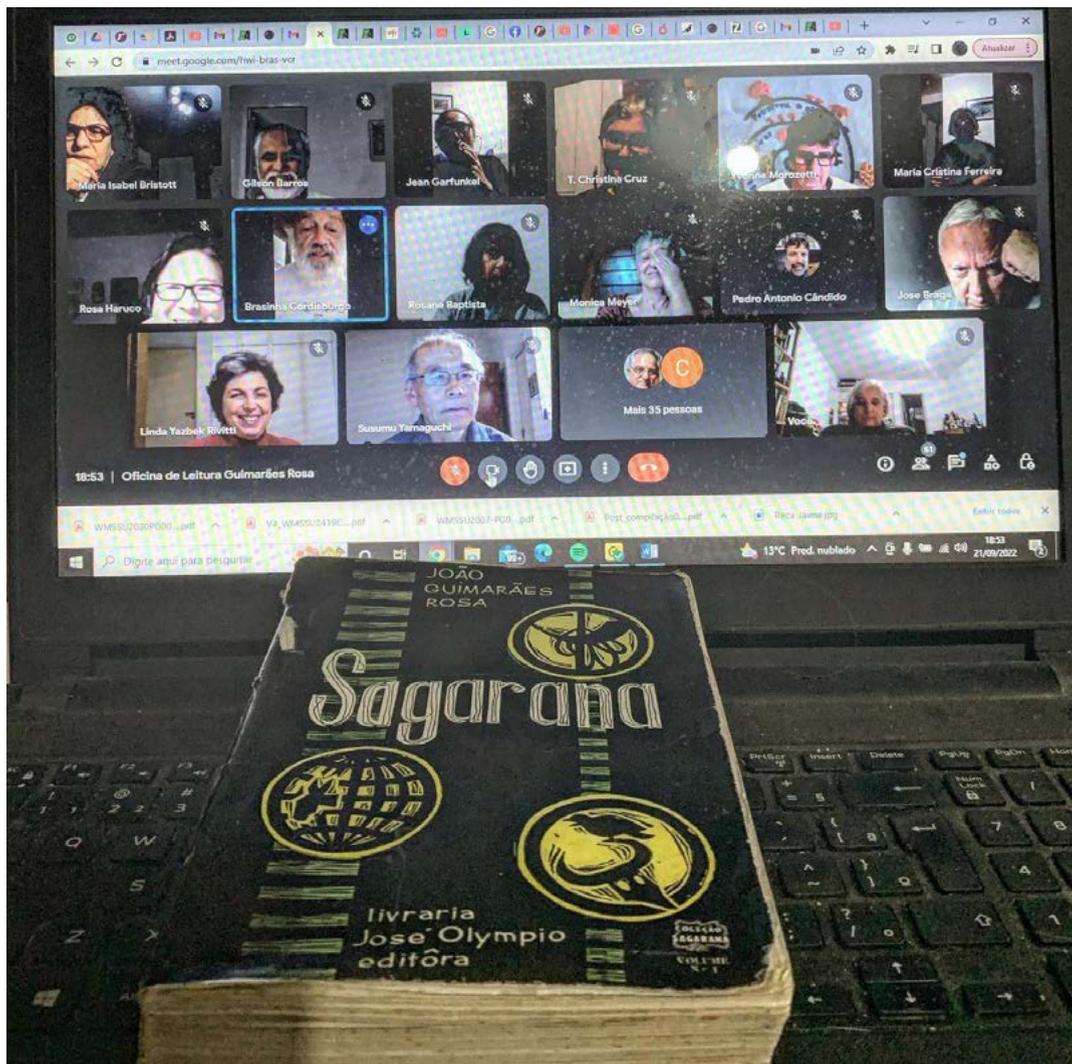


“Buriti”. Fim final pela travessia dos sete planetas de *Corpo de baile*.
Foto: Regina Pereira



A tela sempre cheia. Lendo e acreditando em dias melhores.

Foto: Regina Pereira

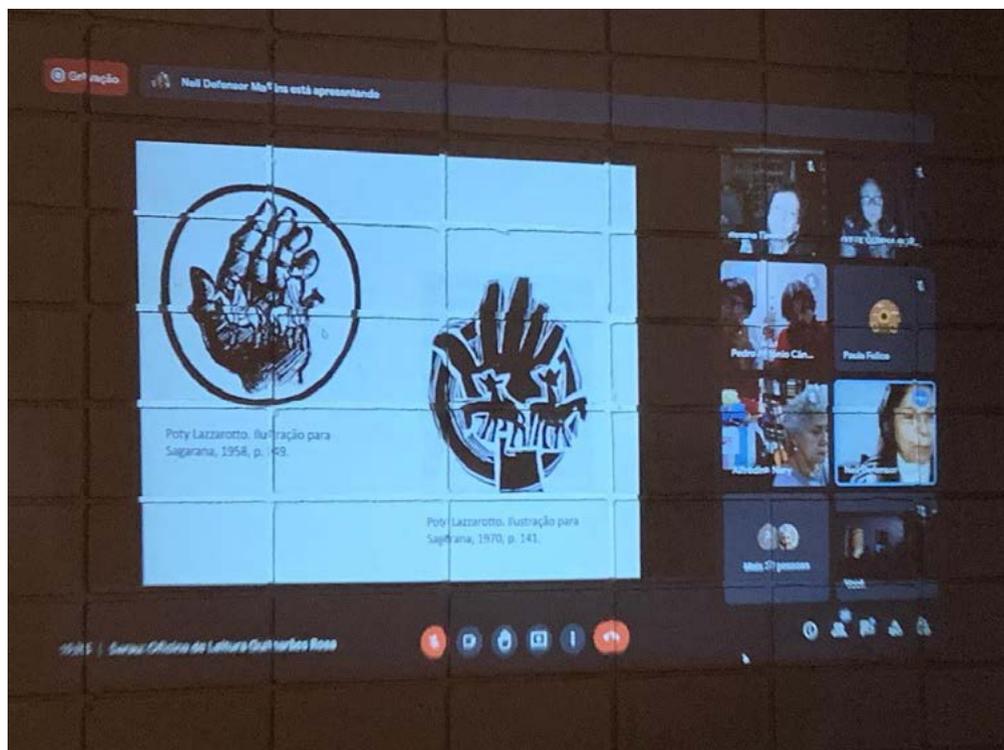


2023, *Sagarana*. Voltando aos inícios. Foto: Regina Pereira

2023, para onde vamos?

No fim de 2022, já com a pandemia mais controlada, voltamos a discutir que rumo tomar enquanto Roda. Voltar presencialmente às salas do IEB? A resposta era não, já que não queríamos abrir mão da companhia de tantas vozes plurais deste Brasil e até do exterior. Não podíamos nos perder de tantos amigos virtuais. Então, no sarau de encerramento do ano, fizemos uma tentativa de uma Roda mista. Renata Ribeiro organizou o equipamento, e alguns integrantes de São Paulo foram até o Espaço Mirabilis interagir com as pessoas que estavam online em vários cantos do Brasil.

O resultado não nos convenceu. No começo de 2023, procuramos o IEB, que nos sinalizou que também neste momento ainda não dispunha de tecnologia, equipamento nem de técnicos para a realização de uma Roda mista. Diante dessas evidências, resolvemos continuar online por tempo indeterminado, com a possibilidade de realizar vez ou outra uma roda presencial no IEB para aplacar as saudades.





Tentativa de Roda mista no Espaço Mirabilis. Fotos: Regina Pereira

Travessia

Apesar do grande volume de páginas deste depoimento, muita coisa ficou fora desta contação, “Muita coisa importante falta nome”, já dizia Riobaldo. Nele registrei momentos tatuados no coração de quem está nesta travessia incrível que é percorrer a geografia e a obra de um autor do porte de Guimarães Rosa. Este texto é só uma amostra, como um paninho bordado, do que um grupo que se aglutina em torno de uma paixão é capaz. Na maioria das vezes a peito, sem patrocínio, sem paga, sem inventivo a não ser o mero prazer de ajuntar e espalhar beleza. Somos muitos Grivos, sempre à procura do “quem das coisas”, da Poesia, com P maiúsculo. Somos que vamos. Vamos que somos. Ao infinito e Além!







Capítulo final, mas não o último

Sento pra escrever o capítulo final, mas não o último, desta extensa crônica/reportagem sobre as comemorações dos 20 anos da Oficina de Leitura Guimarães Rosa e fico pensando em como tirar de dentro de mim o que senti, particularmente nos eventos do IEB e na maratona no Museu da Língua Portuguesa. A princípio cogito guardar só para mim o que vi, senti, o perfume que aspirei. Mas muitos não puderam vir, então é preciso cronicar. Também porque este capítulo não pode ficar faltando neste Livro 2.

Fiquei quieta, observando, a introspecção só quebrada pelos abraços, que foram muitos, pelos pedidos para tirar fotos. Foram meses de preparação, de incertezas, de reuniões. Mas, como todos sabemos, “a festa é pra se consumir depois”.

A primeira comemoração foi onde tudo começou, no Instituto de Estudos Brasileiros, no solo sagrado da USP. Com Dieter, digo Nhô Dito, fazendo uma interessante comparação entre os acontecimentos/participantes da Roda de Leitura com os afluentes do São Francisco, aquele que dividiu a vida de Riobaldo ao meio. Podemos dizer que a Oficina de Leitura também dividiu a vida de muita gente, literariamente, e por que não metafisicamente? Neste dia voltamos às nascentes da Oficina de Leitura. E, depois de todos estes anos online, voltamos a habitar o nosso território numa sala física, marcando o nosso lugar até que possamos encontrar um meio de voltar sem desgrudar da mão de quem mora longe, quando o IEB tiver tecnologia para Rodas mistas.

A segunda comemoração, a “Ocupação” no Museu da Língua Portuguesa, que por sinal teve como exposição inaugural uma instalação interativa sobre os 50 anos de *Grande sertão*, em 2006, muito me remeteu a “Uma história de amor”, à Festa de

Manuelzão na inauguração da capela no Baixio da Samarra, nos longes do sertão. Porque foi bem assim: aos poucos, os leitores foram chegando, cada um trazendo a sua prenda, em palavras, melodias, cirandas, bordados, flores, frases da obra circulando pelos salões, narrações de estórias, sacolinhas de presentes muito especiais, como a caixinha enfeitada com flores do sertão desidratadas que a Marise Hansen me ofertou, os poemas que a Cris Mira escreveu na noite anterior e encadernou pra presentear as “meninas” da Roda, os marcadores de livro feitos pelos alunos da professora Suzilane. As flores cor-de-rosa com frases do Rosa, a nossa marca registrada.

No centro do salão Do Danúbio ao São Francisco, o painel bordado pelo grupo Teia de Aranha, e pequenas e preciosas peças retratando a totalidade da obra cobriam a vida e obra de Rosa e encantavam quem passava.

Aos integrantes da Roda que residem em São Paulo se somaram outros, que não mediram esforços para estar aqui com a gente, em afetiva companhia. E o povo de Cordisburgo não podia faltar nesta festa. Dôra aboiou os Miguilins, tão novinhos, a turma mais novinha que já passou por aqui. E dava gosto ver a desenvoltura deles, a segurança, a verdade com que narraram trechos tão difíceis. Dava gosto ver esses pré-adolescentes saudáveis, tão vivazes, e a gente pensar no poder de um projeto como esse, o grupo Miguilim de Contadores de Estórias, que já dura 26 anos e já formou mais de 200 arautos do Rosa. E pensar que alguns desses Miguilins são filhos e sobrinhos de ex-Miguilins dá um alento imenso na continuidade da obra. Dá vontade de sonhar que em cada cidade devia de haver Dôras, Elisás, Fábios a conduzir meninos e meninas a narrar escritores da terra, escritores de toda parte. Que beleza não seria isso?

Impossível não lembrar do livro e do filme *Fahrenheit 451*, que se passa num tempo em que os livros são proibidos e os bombeiros são chamados não para apagar incêndios, mas para queimar livros. A resistência vem de comunidades clandestinas em que, para compensar a ausência dos livros incinerados, cada um escolhe o livro que quer ser e o decora. Apesar de ser uma comunidade “quase” oficial, nós e os Miguilins somos um pouco esse bando de aficionados.

Lá estavam todos para a festança da Roda, todos que sempre estiveram nesta travessia pelo sagrado: Élide, Jean, Wagner, que ainda trouxe seu filho, Pedro, agora seu companheiro de palco, Tia Anna. Élide, como anfitriã, costurou as apresentações com improvisos e narrações.

E o que dizer da Roda de Leitura propriamente dita, que lotou a sala do Museu? Aos rostos conhecidos se somaram outros, anônimos, que num sábado chuvoso atenderam o convite da vaquinha pitanga que os levaria ao “mel do maravilhoso” do conto “Sequência”, de *Primeiras estórias*.

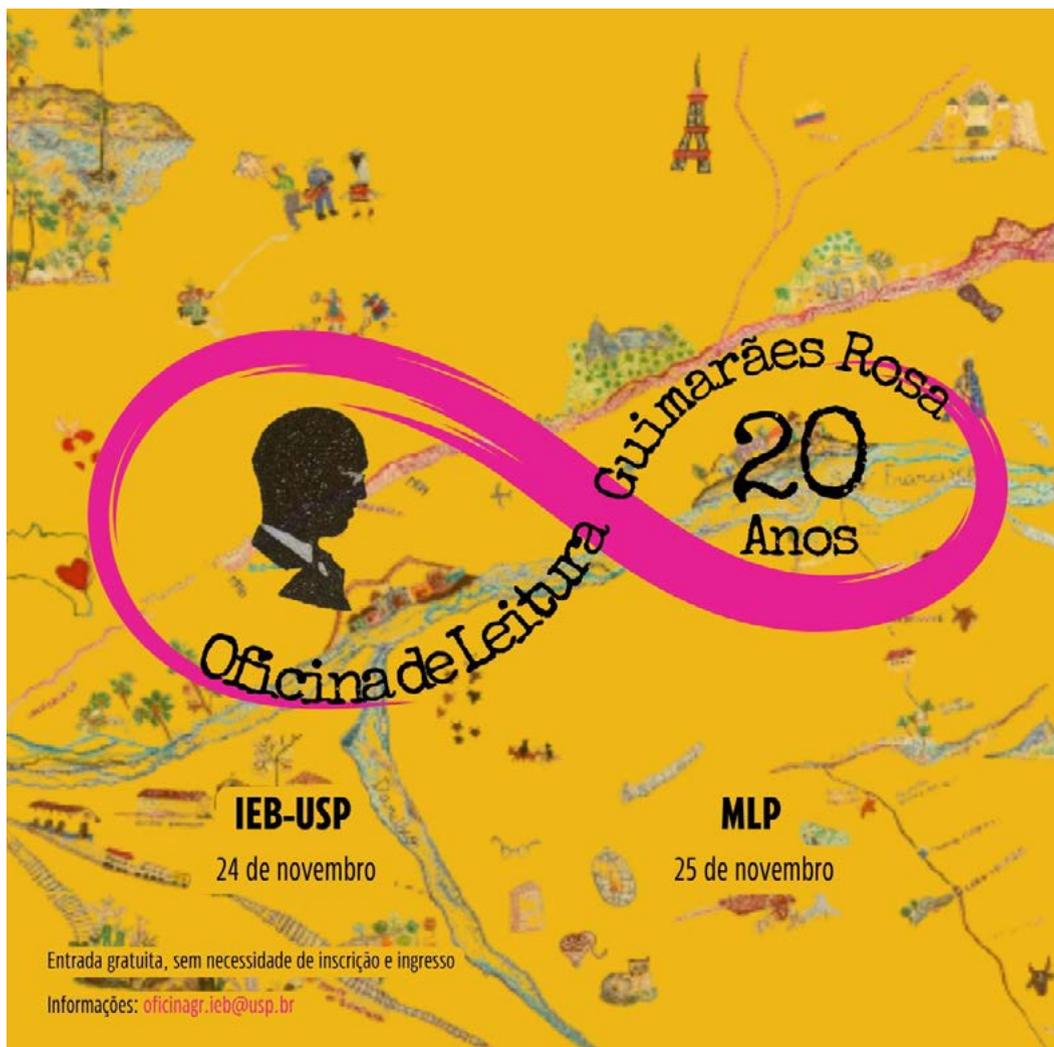
E como não se emocionar com o vibrante encontro da professora Suzilane, que faz uma abordagem incrível da obra de Rosa com seus pequenos alunos numa escola pública de Santana de Parnaíba, com a Verinha de o *Ooó do Vovô*.

E para que não restasse dúvida que os 20 anos estavam sendo bem comemorados, a nossa companheira de tantas jornadas Elni repassou essas duas décadas apresentando o seu trabalho de pós-doc realizado a múltiplas mãos. Quando os três livros que contam essa história de resistência em mediação de leitura estiverem disponíveis no Portal de Livros Abertos da USP a festa toda estará disponível para a gente consumir depois e sempre, com vagar.

Encerramos cantando e dançando a ciranda que o nosso menestrel Jean Grafunkel compôs para a Roda, “A Roda engendra”. Naquele momento me sobreveio muito nítido um pensamento, mais que isso, uma gratidão. De quanto somos privilegiados nesta bolha que habitamos. Enquanto o mundo se acaba em guerras, ódios e separações, a gente ali, flutuando, dançando, se bem-querendo, de mãos dadas, celebrando. Estávamos numa dobra do tempo? Num hiato possível?

Matrix voltou a ser a terra da garoa, e nos deu um dia fresco para comemorar. O enorme relógio da Luz marcava 18 horas quando se apagaram as luzes e o salão do Museu da Língua Portuguesa se esvaziou, Nhô Dito lotou a Kombi de Miguilins e se foi, Élide Marques, com a sua mala de prodígios, embarcou de volta para a sua residência artística. Dina e o coletivo Flores pela Democracia saíram felizes com o dever cumprido. Cleisa contabilizava o sucesso da Oficina do Papo de Bordado: não sobrou um só dos 100 paninhos com buritis e ipês que cada um levou para casa. E, mais que um paninho, as pessoas levaram uma lembrança do sertão. Rosa, Linda, Renata, Cecilia Neli e eu, com a satisfação do dever cumprido, saímos felizes de ter dado “beleza a quem tem fome de beleza” e pela reverberação junto à equipe do Museu, que já convidou a Oficina para um evento em maio. A Festa continua tempo afora. Para os mais animados as comemorações continuaram noite adentro na casa da Rioco.

Enquanto esperava a minha carona, na calçada da estação uma triste realidade se apresentou: hordas de moradores de rua, da cracolância, trespassavam a nossa recém-alegria. E eu não sabia o que fazer com aquilo, ainda não sei. Se é certo que a arte nos salva das horas brutas, o que os salvará?



Cartaz dos eventos 20 anos da Oficina de Leitura. Arte: Renata Ribeiro



Dieter Heidemann e Elni Willms no IEB-USP. Foto: Regina Pereira



Os Miguilins e Pedro Bolle, do IEB, criador do logo da camiseta do grupo.
Foto: Rosa Haruco



Grupo da Oficina de Leitura e os Migulins na visita à biblioteca e ao acervo JGR.
Foto: Arquivo pessoal



Regina, Elni, Rosa e Linda, parte da comissão organizadora do evento no Museu da Língua Portuguesa. Foto: Arquivo pessoal



Roda de Leitura no MLP comandada pela professora Cecilia Marks. Foto: Elni Willms



Élida Marques, Jean Garfunkel, Wagner Dias e Pedro Anambé. Foto: Linda Rivitti



Vera Tess e a professora Suzilane Gonçalves. Foto: Esdras Martins/Mochila Press



Tia Anna e Jean Garfunkel. Foto: Linda Rivitti



Estandarte que a Oficina ganhou do grupo Papo de Bordado. Foto: Marília Silveira

Organizadores

Regina Pereira é jornalista formada pela Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP). Autora do livro *Garoto, sinal dos tempos*, sobre o músico Garoto (Anibal Augusto Sardinha), editado pela Funarte. Trabalhou na Editora Abril como repórter, revisora e checadora. Ganhou um Prêmio Abril de Jornalismo com a reportagem “Sertão literário”, publicada pela *National Geographic*.

Desde 2016 é uma das coordenadoras da Oficina de Leitura Guimarães Rosa, abrigada no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP). Com a Oficina tem participado da elaboração de eventos ligados à obra

de Guimarães Rosa, como seminários, mesas-redondas, lives, podcasts e caminhadas urbanas e pelo sertão.

Desde 2006 dedica-se também, com o grupo Devotos do Rosa, a viajar pelo sertão procurando, como o Grivo, o “Quem das coisas”, a Poesia com P maiúsculo, os personagens, as paisagens e a sintaxe da obra que ainda resistem por lá.

No Festival Janelas Roseanas, contemplado com o PROAC-LAB, atuou como curadora, coordenadora e assessora de imprensa. Também pelo PROAC-LAB realizou A construção da narrativa visual do viajante literário.

Um dos verbos que mais gosta de conjugar é rosear. É gateira, passarinheira e plantadeira militante. Mãe de Murilo e Francisco, amores.



Elni Elisa Willms se constituiu professora nos diferentes níveis de ensino, a partir da formação em Pedagogia em 1984, na UFMT, onde também fez o mestrado em Educação, em 2000. Concluiu o doutorado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FEUSP, em 2013. Foi durante a estadia em São Paulo que conheceu a Roda de Leitura Guimarães Rosa IEB-USP. Com a pandemia, através do formato online, pode voltar a participar da Roda, toda quarta-feira, das 17 às 19h do horário de Cuiabá-MT, cidade onde reside e atua como professora no curso de Pedagogia da UFMT e no PPGEDU da Universidade Federal de Rondonópolis.



Este livro organizado com Rogério de Almeida e Michel Riaudel é um dos frutos de seu estágio pós-doutoral, sob supervisão do professor Michel Riaudel, junto à Sorbonne Université, onde esteve como professora visitante vinculada ao CRIMIC (Centre de Recherches Interdisciplinaires sur les mondes ibero americains et contemporains), de setembro de 2022 a julho de 2023, em Paris-França.

É mãe de dois filhos - Otávio e Augusto - e avó do Miguel e do Heitor.

Rogério de Almeida é Professor Titular da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). Coordena o Lab_Arte (Laboratório Experimental de Arte-Educação & Cultura) e o GEIFEC (Grupo de Estudos sobre Itinerários de Formação em Educação e Cultura). Atualmente é Chefe do Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação (EDA) e Editor Colaborador da Revista Machado de Assis em Linha e atuou como Editor da Revista Educação e Pesquisa (FEUSP) (2017-2021). Bacharel em Letras (1997), Doutor em Educação (2005) e Livre-Docente em Cultura e Educação, todos os títulos pela Universidade de São Paulo (USP). Pós-doutoramento na Universidade do Minho (2016). Trabalha com temas ligados a Cinema, Literatura, Filosofia da Educação e Imaginário.





Michel Riaudel é Titular da “agrégation” de Letras na França, fez doutorado em literatura comparada (Paris X) e é hoje professor responsável do departamento de estudos lusófonos e diretor da UFR de Estudos ibéricos e latino-americanos de Sorbonne Université. Membro do CRIMIC, publicou em 2017 um livro sobre os avatares históricos, míticos e literários da figura de Caramuru: *Caramuru, un héros brésilien entre mythe et histoire*, Paris, Petra, 2017 (2ª ed. revista). Com Laura de Mello e Souza, Cláudia Damasceno e Antonella Romano, coorganizou *Le Moment 1816 des sciences et des arts. Auguste de Saint-Hilaire, Ferdinand Denis et le Brésil*, Paris,

Sorbonne Université Presses, 2022. Sua pesquisa volta-se para a literatura brasileira, as circulações literárias, questões de intertextualidade, recepção, transferência, tradução e regimes de conhecimento. Traduziu também Ana Cristina Cesar, Modesto Carone, José Almino, Milton Hatoum, João Guimarães Rosa, entre outros autores.

Este livro utilizou as fontes tipográficas
Crimson Text e DIN Next LT Pro,
e foi terminado em janeiro de 2024,
em São Paulo.

Travessias: 20 anos da Oficina de Leitura Guimarães Rosa IEB-USP - Livro II se insere na trilogia organizada por Elni Elisa Willms, em seu trabalho de pós-doutorado – sob supervisão do Professor Michel Riaudel, na Sorbonne de Paris-França, durante meados de 2022 e 2023 – e em parceria com o professor Rogério de Almeida, da Faculdade de Educação da USP. Os três livros se configuram como um trabalho coletivo, como têm sido as atividades da Oficina de Leitura ao longo dos seus mais de 20 anos de existência. As parcerias sustentam a Roda de Leitura, os grupos de bordados, as viagens ao sertão rosiano, a divulgação e a realização das atividades do Grupo Miguilim em Cordisburgo e São Paulo, entre muitos outros eventos. O que se quer sublinhar é que este Livro II, espécie de extensa crônica/reportagem sobre as comemorações dos 20 anos da Oficina de Leitura Guimarães Rosa, precisa ser lido e apreciado tendo o Livro I e o Livro III como parceiros.

